

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

HANDIARA OLIVEIRA DOS SANTOS

**REGISTRANDO SENTIMENTOS: UMA ANÁLISE DE DOSSIÊS INSTITUCIONAIS A PARTIR
DA ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES**

Porto Alegre
2020

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

HANDIARA OLIVEIRA DOS SANTOS

**REGISTRANDO SENTIMENTOS: UMA ANÁLISE DE DOSSIÊS INSTITUCIONAIS
A PARTIR DA ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais pela Escola de Humanidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro

Porto Alegre
2020

Dedico este trabalho a minha mãe Genori, minha avó Laura, a minha família, meu companheiro e meus amigos por todo apoio e suporte que deram para que eu acreditasse que era possível e não desistisse dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha mãe, por sempre falar que a educação ninguém tira, e sempre reforçar isso todos os dias, e mostrar que é possível se tornar alguém melhor, agradeço imensamente a minha avó por todo apoio e esforço financeiro e emocional que fez para que eu pudesse alcançar os meus objetivos. Também queria agradecer ao meu companheiro por insistir que eu deveria seguir tentando entrar na universidade, e incentivar de que eu era capaz, quando eu já estava cansada de tentar. Aos meus amigos por incentivarem a ser eu mesma, a escrever e falar, mostraram-se como exemplos que pude seguir e trilhar meu caminho.

Obrigada a minha família, por mostrar que a educação é a melhor maneira para crescermos e adquirir independência. Sem todo esse incentivo, nada disso seria possível.

Queria agradecer imensamente a professora e orientadora Fernanda Bittencourt Ribeiro, que me acolheu, incentivou e acreditou no meu potencial, por me mostrar outros lados da antropologia, me guiar e fazer com que eu me apaixonasse pela área, obrigada por todo o apoio, ensinamentos e paciência. A oportunidade de fazer parte de uma bolsa de iniciação científica, tratando de um assunto tão caro a nossa sociedade, que é a infância, foi de grande relevância para o meu desenvolvimento dentro da universidade, e com certeza tornou-me uma pessoa melhor, fazendo com que eu almejasse uma carreira científica. Não posso esquecer o imenso aprendizado que tive por durante a pesquisa, ainda mais porque foi por meio dela que desenvolvi minha dissertação e aumentei meu interesse pelos estudos antropológicos sociais, agradeço por ter sido apresentada a pessoas maravilhosas. Ressalto a importância das bolsas de pesquisas científicas, pois é a partir delas que tornamos estudantes em profissionais com uma bagagem maior sobre ferramentas de pesquisa, além da sensibilidade e empatia.

Agradeço a todos os professores do Curso de Ciências Sociais da Pucrs, que contribuíram e ajudaram ao meu aprendizado, e crescimento pessoal, instigaram incessantes buscas por mais conhecimento. Agradeço também a Pucrs, pela estrutura disponibilizada, desde o início da graduação melhorando espaços e abrindo oportunidades, fazendo com que eu desejasse passar o dia todo dentro da universidade. Menciono também meu agradecimento a qualidade do curso de

Ciências Sociais, sendo referência de ensino na área e também mostrando um potencial incrível de apoio que a biblioteca disponibiliza.

E por último e não menos importante, meu eterno agradecimento ao Professor Airton J. que durante suas aulas doou seu coração e sua mente, a antropologia ficou sem chão ao perdê-lo, mas tivemos a honra de aprender e trocar aprendizados.

Obrigada

Emoções são pensamentos de alguma forma “sentidos” em rubores, pulsos, estômagos, pele. São pensamentos incorporados, pensamentos filtrados pela apreensão de que “estou envolvido”. (ROSALDO, 2019, p.38).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo, analisar o registro de emoções em dossiês institucionais ao longo do processo de acolhimento institucional de crianças e adolescentes. Os registros analisados foram feitos por profissionais da equipe técnica (assistente social e psicóloga) de uma instituição específica designada como casa de passagem localizada na região metropolitana de Porto Alegre. Busca-se contextualizar o registro das emoções e sentimentos na trama das relações envolvidas no acolhimento institucional de uma criança ou adolescente. A análise parte da corrente teórica contextualista da Antropologia das Emoções que utiliza o conceito de micropolítica das emoções para abordar as relações de poder existentes na sociedade, considerando os indivíduos como singulares, que expressam suas emoções não só a partir da cultura, da sociedade, da família e da época em que foi desenvolvido, mas considera também o ambiente em que está no momento e com quem está dialogando. Para desenvolvimento deste estudo utilizo vários autores para complementar as discussões, todos mencionados na bibliografia e no decorrer do trabalho, mas meu foco recai nas contribuições teóricas de Maria Claudia Coelho e Claudia Barcellos Rezende, para refletir sobre estas relações de poder existentes no âmbito do acolhimento institucional. Para uma melhor compreensão dessa teoria, será apresentando um breve levantamento histórico sobre o surgimento da área de antropologia das emoções, visando trazer entendimento sobre o impacto positivo para estudos antropológicos. Serão apresentados os resultados da pesquisa de levantamento dos registros das emoções, assim como sua análise abordando a teoria da micropolítica, consistindo nas localizações dos mecanismos de controle, relações de poder. Também será tratado neste trabalho a metodologia usada as análises, a saber, a etnografia documental, que busca abordar os registros documentais, dando ênfase em quem, onde e para quem foram escritos.

Palavras-chave: Etnografia documental. Antropologia das emoções. Abrigos institucionais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O Arquivo.....	25
---------------------------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	AS EMOÇÕES NÃO SÃO MERAS ESSÊNCIAS.....	15
3	EMOÇÕES E SENTIMENTOS NOS REGISTROS, UM OBJETO DE PESQUISA E UM MÉTODO PARA ANALISÁ-LOS	25
4	O QUE OS DOSSIÊS NOS CONTAM.....	32
4.1	“EU SÓ FAÇO ISSO, PORQUE BRIGAM COMIGO”	33
4.2	SONHA COM O NOVO QUARTO E BRINQUEDOS	37
4.3	“MELHOR COISA QUE EU QUERO É FICAR COM ELA NO DOMINGO”	39
5	CONCLUSÃO	43
	REFERÊNCIAS.....	47
	APÊNDICE A – LEVANTAMENTO PRIMÁRIO (BRUTO)	50
	APÊNDICE B – AGRUPAMENTO DAS EMOÇÕES (SIMILARIDADE E FREQUÊNCIA)	54
	APÊNDICE C – LEVANTAMENTO DETALHADO.....	56
	APÊNDICE D – CLASSIFICAÇÃO NEGATIVO/ POSITIVO/ NEUTRO	67

1 INTRODUÇÃO

A partir da década de noventa, observa-se um incremento dos estudos nas Ciências Sociais que abordam temas relacionados a infância e juventude, fato que relacionamos à promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente sancionado pela lei N°8069 de 13 de julho de 1990 (BRASIL, 1990) que afirmou novos princípios para intervenção visando a proteção da infância e juventude e a garantia de serem tratados como sujeitos de direitos (DIGIÁCOMO, 2020).

Os trabalhos de Claudia Fonseca desde os anos 80 do século 20 tratam de temas relacionados ao acolhimento institucional, trazendo discussões sobre o funcionamento destas políticas públicas, suas relações nos diferentes ambientes, bem como pesquisas em instituições de Porto Alegre, ou em comunidades carentes tratando da circulação de crianças, também foram escritos artigos sobre egressos de abrigos institucionais. São trabalhos ricos em detalhes e informações que até hoje são referências nas pesquisas que tratam da infância e juventude, e que se fazem essenciais para mergulhar nessa área.

Como um dos exemplos desses estudos, gostaria de mencionar brevemente, aquele em que Fonseca trata dos limites da responsabilidade do Estado, refletindo sobre qual é o momento para esse tipo de intervenção, por quanto tempo e de que maneira deve ser tratada. Outro ponto importante que ela trata no texto é que a partir do ECA, ao tentar solucionar a situação das crianças em acolhimento, criando padrões para o recebimento destas, os especialistas acabam produzindo uma espécie de “processo espiral” em que os pais dessas crianças e adolescentes são facilmente considerados incapazes de garantir a segurança e bem-estar de seus filhos (FONSECA, 2009).

Percebe-se que o acolhimento institucional tem papel importante nas inúmeras discussões sobre formação e proteção de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, por isso são dignas de relevância dentro dos estudos acadêmicos. É sabido que as instituições de acolhimento possuem diferentes denominações: acolhimento institucional, abrigo institucional ou derivados, irei perpassar por estes durante o trabalho, porém deixo claro aqui a definição de instituição que abordarei: trata-se de um serviço de acolhimento destinado a crianças e adolescentes em medidas protetivas por determinação judicial, em decorrência de violação de direitos, como, abandono, negligência e violência, assim como, quando a família está

impossibilitada de cuidar e proteger (BRASIL, 2015).

Por ser alvo de discussões pela tamanha importância que carregam, existem diferentes interpretações a respeito dos diversos tipos de acolhimento, seus estabelecimentos e tratamentos. Com isso muitas vezes veiculam-se notícias que abordam de maneira negativa e generalizada estes locais, trazendo consigo as ideias de que esse tipo de abrigo é altamente prejudicial ao desenvolvimento da criança, afirmando que essa modalidade de acolhimento não é recomendável ou que melhor seria se não existissem.

O preocupante é a maneira como algumas notícias perpetuam essa visão negativa a partir de informações e levantamentos comparativos de outros países com realidades extremamente distantes das do Brasil e sem falar de que normalmente são comparações feitas em épocas totalmente diferentes, ou, casos pontuais de abrigamento, como este trecho mencionado em uma matéria: “A imagem que tenho dos abrigos que visitei no Brasil é de bebês deitados e um número relativamente pequeno de cuidadores por criança.” (FRAGA, 2020).

O tipo de relato acima descreve locais específicos, e de maneira nenhuma é uma realidade de todas as instituições, infelizmente acaba que esta imagem se atrela a qualquer abrigo no país, tornando estes espaços, quem vive e trabalha nelas vistos negativamente. Por esse fato essas reportagens são pouco esclarecedoras para se tomar como parâmetro representativo da realidade vivida por crianças e adolescentes em situação de abrigamento e de suas famílias, bem como das diversas modalidades de acolhimento no Brasil. Não quero negar nenhum tipo de problemática existente, mas quero salientar que cada casa de acolhimento tem peculiaridades, assim como a região em que está localizada e a equipe que rege o local.

O maior problema talvez não esteja no acolhimento institucional e sim a ausência ou pouca eficácia das políticas públicas, que deveriam dar apoio às famílias precavendo a necessidade de que suas crianças e adolescentes sejam abrigadas.

Trago a seguir alguns dados para refletir, e servir como pano de fundo em meu trabalho. Segundo o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA), atualmente existem 30.711 crianças em situação de acolhimento no Brasil, destas, 3.444 residem no estado do Rio Grande do Sul. São 517 serviços de acolhimento no país, sendo 76,6% na modalidade institucional e 23,4% familiar. O acolhimento familiar trata-se de um programa relativamente novo, onde, a criança ou adolescente é recebida por uma família em sua residência por tempo determinado de até 6 meses. Essa família recebe

como auxílio, o valor de até um salário-mínimo, para ajudar nos custos da residência e da criança ou adolescente acolhido. A ideia é reproduzir um convívio familiar, para que o acolhido tenha o mínimo de prejuízo possível em seu desenvolvimento.

É importante, lembrarmos que estas modalidades não se contrapõem. Minha posição neste trabalho não é de pontuar, se uma é melhor que a outra, só destaco que devem ser complementares, pois, existe uma ideia bastante difundida de que o acolhimento institucional é sempre um local inapropriado para o desenvolvimento de uma criança e adolescente. Obviamente concordamos que o melhor local é onde estejam protegidos e seguros, porém infelizmente existem muitas situações nas quais as próprias famílias, por diferentes motivos não conseguem dar a estes jovens a proteção e os cuidados necessários. Por estes fatos, tem-se estratégias de proteção, que encaminham estas crianças e adolescentes a serviços de acolhimento até que sua família se reconstitua e possa recebê-la novamente, ou em casos excepcionais integrem o cadastro nacional de adoção, no aguardo de um lar mais propício para seu desenvolvimento.

O fato de o acolhimento institucional normalmente receber mais crianças, de diferentes idades, que dividem quartos, sala de televisão, e compartilham momentos, como o almoço, vão para escola juntos etc., contribui para que esses espaços de convivência sejam marcados por uma intensidade de afetos. É um convívio diferente, de uma família, mas significativo, não menos importante. Em estudos que tratam de egressos de abrigos, comenta-se sobre a importância do ambiente em suas vidas, dando exemplos de egressos que ainda mantém vínculos afetivos com pessoas da equipe institucional. Minha intenção aqui é trazer um pano de fundo, para contextualizar o ambiente dos registros institucionais sobre os quais irei tratar a seguir.

Meu interesse no assunto tem início em março de 2019, a partir da minha participação no projeto *Tempos e circulação no acolhimento institucional de crianças e adolescentes*, por meio do programa de bolsas de iniciação científica da PUCRS. Através dela tive a oportunidade de exercer algumas atividades de pesquisa desenvolvidas em uma instituição de acolhimento, situada na região metropolitana de Porto Alegre. A partir daí, fui motivada a iniciar estudos antropológicos que discutem políticas de acolhimento infantil, estudos sobre infância e juventude, gênero, e também metodologias etnográficas, entre outras abordagens.

Ao iniciar uma tarefa de tratamento de dados e leitura de anotações e registros de arquivos da instituição na qual o projeto de pesquisa foi realizado, buscava mapear

e compreender as diversas formas de circulação de crianças e adolescentes, que passam por abrigos institucionais. Na leitura destes registros observei que havia inúmeras palavras que remetiam a emoções e sentimentos. Percebendo que estas palavras eram registradas em documentos institucionais, me pareceu importante tratá-las como um dos focos de minha monografia. Neste trabalho, exploro as anotações feitas nos registros pesquisados, feitos por membros da equipe técnica do local e arquivados na instituição de acolhimento.

A partir disso, viso trazer alguns pontos de discussão sobre as dinâmicas relacionais e os afetos que fazem parte desse sistema. Associo esse sistema a uma engrenagem, pois são sistema dependentes, onde uma ação depende ou afeta a outra. Logo, levanto dois questionamentos, a serem refletidos durante o trabalho: a quais preocupações acerca do desenvolvimento de crianças/adolescentes essas emoções remetem? O que os registros feitos permitem acompanhar?

Para tratar desse assunto, optei pela abordagem teórica da Antropologia das Emoções, trazendo através da corrente contextualista o conceito de Micropolítica das Emoções, que situa as emoções em relações de poder. Esta perspectiva consiste também em considerar a cultura, o ambiente, e as relações como desenvolvedoras de emoções não as tomando como meras essências que afloram do corpo devido a estímulos descontrolados: “As emoções, desta forma são sempre culturalmente informadas e contextualizadas na ação dos indivíduos sociais em interação com os outros e o mundo ao redor” (KOURI *apud* ROSALDO, 2019, p. 31).

Considero essa perspectiva teórica apropriada para ancorar esse tipo de estudo, onde as emoções não correspondem somente a reações corporais, como comumente são consideradas na sociedade ocidental, mas também estão relacionadas ao contexto sociocultural. No caso do meu estudo, o contexto sócio cultural em que a criança se desenvolveu, o ambiente familiar em que foi criada, a temporalidade, ou seja, a época em que está, quem é o seu interlocutor e o momento em que estão expondo esse sentimento. No cotidiano do acolhimento institucional esse contexto pode ser a sala da secretaria, o quarto dividido com demais acolhidos, a sala de lazer comum ou o pátio onde brincam. Nessa perspectiva, os sentimentos são estimulados também pelas relações de poder que envolvem não só a criança como o adulto naquele instante, podendo o local dar mais intensidade à expressão da emoção.

Esta abordagem possibilita que se compreenda como determinadas emoções,

posturas morais e comportamentais estão presentes na vida das pessoas (COELHO; REZENDE, 2011), ou seja, ela fornece um leque de possibilidades de análise das emoções que serão melhor exploradas e explicadas no próximo capítulo.

Busco discutir certas dinâmicas sociais presentes neste contexto específico, no caso, as instituições de acolhimento infantil, que cria uma espécie de teia, englobando as crianças, adolescentes e suas famílias provisoriamente destituídas do poder familiar ou responsáveis; a equipe interna, assistentes sociais, educadoras, monitores, pedagogas, psicólogas, e as instituições jurídicas, que decidem sobre os destinos destas crianças e também fazem parte desta teia, os conselhos tutelares, e os Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

Os dossiês que trago para desenvolvimento da pesquisa, constituem um terço do arquivo completo da instituição de acolhimento onde a pesquisa foi realizada, totalizando 100 dossiês pesquisados. O arquivo é compreendido por caixas azuis e amarelas de um material plástico simples, guardadas em um armário de metal. Cada caixa contém envelopes que reúnem informações de entrada e saída do acolhido, dados pessoais, prontuários médicos, relatórios e anotações feitas ao longo da residência na instituição. Os documentos correspondem a registros que embasam relatórios enviados ao juizado e que servem também como controle interno a respeito das crianças e adolescentes. Desta maneira irei tratá-los em termos metodológicos, a partir da etnografia de documentos, sendo este, o outro foco importante neste trabalho, pois além de utilizá-la como metodologia para análise de dados, penso em discutir de maneira breve, com o objetivo de incitar futuras discussões e possibilidades de uso sobre esse recente método.

Considero esta metodologia potencialmente valiosa, pois de acordo com Lowenkron e Ferreira (2020, p. 17) “[...] uma das tarefas atuais da disciplina é repensar a própria construção de objetos de pesquisa no campo da antropologia, bem como da eleição de artefatos com base nos quais são construídas as etnografias.”. Ela permite também questionar o ato de documentar, proporcionando reflexões sobre as convenções que regram estas práticas, e não esquecendo o fato crucial de que esta metodologia mostra como os documentos, considerando os contextos onde são produzidos e por onde circulam podem contribuir com insumos rentáveis para as etnografias. (LOWENKRON; FERREIRA, 2020).

Gostaria de mencionar que este estudo foi escrito durante uma pandemia, e de certa forma toda a situação que o vírus causou, o medo, a preocupação, a ansiedade

devido ao isolamento, entre tantos outros sentimentos e emoções que ficaram mais intensos, fez com que as atenções se voltassem para essa dimensão da vida social. A ideia de trabalhar sobre emoções ganhou relevância ao longo desse ano e mesmo tratando-se de uma temática diferente, espero que essa monografia incentive futuras pesquisas em diferentes contextos a fim de trazer novas perspectivas de leitura das emoções a partir da Antropologia.

2 AS EMOÇÕES NÃO SÃO MERAS ESSÊNCIAS

Ao sistematizar dados de uma pesquisa que buscava levantar os diferentes e possíveis trajetos de circulação de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional, na medida que a leitura avançava, fui identificando inúmeras menções a emoções e sentimentos, o que despertou curiosidade, para compreender melhor o significado de estarem descritos nestes dossiês.

Os documentos consultados são dossiês que reúnem documentos e relatórios feitos pela equipe técnica e guardados no arquivo do abrigo institucional. Alguns desses documentos servem para informar as decisões do judiciário que trata do destino das crianças e adolescentes, nestas situações de acolhimento. Para a análise do registro das emoções identificadas nos documentos procedi a uma leitura minuciosa buscando identificá-las.

Inicialmente, pretende-se discorrer nesse capítulo sobre o tratamento dado as emoções até então, em seguida será apresentado o desenvolvimento da teoria norteadora deste estudo, no caso a Antropologia das Emoções. E por fim neste capítulo busca-se tratar do conceito que fundamentou as análises propostas, com o propósito de discutir com a teoria, os estudos já produzidos na área da antropologia, sobre emoções, infância e as políticas de proteção.

Como existem diferentes abordagens a respeito dos sentimentos e das emoções apontarei algumas definições de emoções e sentimentos que corroboram com o sentido que adotarei neste trabalho.

No livro *Paixões Ordinárias*, o autor Davi Le Breton, traz o entendimento de que “o sentimento é uma combinação de sensações corporais, de gestos e de significados culturais apreendidos por intermédio das relações sociais. ” A emoção consiste em um momento provisório, originando-se de uma causa precisa onde o sentimento se cristaliza com uma intensidade particular” (LE BRETON, 2009, p. 113). Nessa perspectiva, a emoção relaciona-se, de maneira singular ao indivíduo que se expressa, de acordo com o interlocutor que está diante de si e do local em que ambos estão.

Na perspectiva das Ciências Sociais não cabe mais tratar das emoções somente como se “A capacidade de sentir emoções [resultasse] do equipamento biológico e psicológico inerente à espécie humana e seria, portanto, universal” (REZENDE; COELHO, 2010). Cito este exemplo de senso comum que as autoras

trazem, pois parece ilustrar bem, a maneira imprecisa com que muitas pesquisas, pessoas e os veículos de informação vem seguidamente perpetuando esse modo universalizante de pensar as emoções e sentimentos.

Michelle Rosaldo traz uma definição sobre sentimentos de uma forma complexa, ou seja, a autora considera estímulos vindos de múltiplas direções. No trecho abaixo ela trata de afeto e cultura, trazendo um envolvimento entre corpo, *self* e identidade:

[...] a cultura faz a diferença, que diz respeito não apenas ao que pensamos, mas também como nos sentimos e sobre o viver nossas vidas. Afetos, então, não são menos culturais e não mais privados que crenças. Em vez disso, são cognições – ou, mais apropriadamente, talvez interpretações – sempre informadas culturalmente, em que o ator descobre que o corpo, o *self* e a identidade estão imediatamente envolvidos. (ROSALDO, p. 36, 2019).

Para elucidar melhor de onde vem algumas pré concepções, sobre emoções, suas origens biológicas ou culturais, vamos lembrar que o campo das Ciências Sociais, avançou em análises sobre o tema, ao trabalhar com alguns sentidos associados a emoções como: paixão, ódio, fidelidade e gratidão. Estes são alguns exemplos das emoções estudadas inicialmente por sociólogos, como George Simmel e Émile Durkheim. Porém, segundo estudos das autoras Maria Claudia Coelho e Claudia Barcellos Rezende o tratamento dado as emoções ainda possuía um aspecto “secundário”, e eram abordadas, na maioria das vezes, de maneira não centralizada. Na perspectiva de Coelho e Rezende (2011, p. 9) “[...] não é o sentimento de ódio o objeto de estudo, mas sim as formas da interação por ele engendradas [...]”.

Apesar de buscarem diferentes tratamentos, esses autores partem de uma oposição entre indivíduo e sociedade que contribui para abordagens nas quais, as emoções são assimiladas a processos de ordem psicobiológicos, como mencionado no texto de Rezende e Coelho (2010):

[...] embora se tornassem elementos da interação social, eram vistas como fatos “naturais”, realidades psicobiológicas que já eram dadas a *priori* e modificadas até certo ponto pela socialização em uma cultura específica. Mais ainda, eram consideradas também fenômenos subjetivos, individuais e particulares, mesmo que as sociedades regulassem sua expressão. Mantinham-se, portanto, assunto prioritariamente da psicologia.

Estes estudos apesar de trazerem os temas sentimentos e emoções, é como se ainda faltasse algo para a convergência entre sociedade, indivíduo, cultura e

emoções. Desta forma, as emoções acabam virando artigo único a ser tratado pela psicologia, por parecerem intrinsecamente associadas aos indivíduos.

Muitos estudos partem dessa perspectiva de análise, oriunda de uma construção da ideia de “essência”, como se os sentimentos fossem de natureza universal (REZENDE; COELHO, 2010), revelando mais um ponto de afastamento, entre sociedade e indivíduo. Ao vincular corpo e emoção, gera-se essa dualidade entre emoção e razão, corpo e mente, fazendo com que as emoções fiquem mais atreladas a algo somente espontâneo, sem controle e pouco relacionadas ao social (REZENDE, COELHO, 2010). Segundo as autoras citadas, essa divisão foi amplamente utilizada em pesquisas, literatura, e notícias que tratam sobre mulheres, por exemplo. Sem entrar profundamente nesse assunto que pretendo desenvolver em estudos futuros, cabe observar que segundo Catherine Lutz “qualquer discurso sobre emoção é também, ao menos implicitamente, um discurso sobre gênero” que realça a existência de uma “retórica de controle” das emoções associadas ao gênero (LUTZ, 1990 *apud* ROJO, 2011). De modo que a “essência emocional” ou o “pensar com o coração”, é atribuída principalmente a mulheres. Esta concepção bastante comum relaciona-se à dualidade, mulheres e emoção x homens e razão. Essa simplificação que relaciona a mulher como submisso indicando uma certa incapacidade de racionalidade corresponde a pressupostos muito utilizados antigamente e que ainda percebemos em estudos atuais. Conforme menciona Martins-Suarez; Sousa (2016, p. 297):

A mulher é descrita como a porção corpo: sensualidade, natureza e emoção em relação ao homem com sua representação nas palavras: mente, ideias, cultura e razão. Esta relação pode ser ilustrada pela incumbência da maternidade e da função de protetora da família como automaticamente relacionadas ao emocional e ao cuidado, enquanto que os homens, com base na sua trajetória de caça e provisão do alimento, são relacionados com a força e coragem.

Concepções como esta ajudam a perpetuar a misoginia em todos os âmbitos das relações sociais dificultando os acessos de mulheres a cargos, e locais que são majoritariamente ocupados por “homens”, assim como salários desiguais. Essas relações entre emoções e mulheres também são vistas por Fernando Rojo (2011) em seu artigo “A produção de gênero no hipismo à luz dos discursos sobre emoções” onde traz esse ponto através do esporte, focando no hipismo. A partir do estudo baseado na antropologia das emoções, percebe e reflete sobre os discursos produzidos e que reforçam as questões de gênero, onde é atrelado à mulher um

“descontrole emocional”, relacionando aspectos hormonais com as alterações de humor.

Sabe-se que as crianças também são associadas estritamente à emoção, como se a partir delas não surgissem construções racionais, desconsiderando suas possibilidades de agência. Parto da ideia que Clarice Cohn traz sobre “criança atuante” que considera a participação ativa das crianças nas interações com adultos, outras crianças e com tudo o que está ao seu redor. Toda essa interação, é parte importante na consolidação dos papéis que a criança assume e de suas próprias relações (COHN, 2010).

Cláudia Rezende e Maria Cláudia Coelho, apontam estudos que desconsideram a criança como agente, e mostram essa ideia naturalizada sobre crianças e emoções: “As crianças são vistas como mais emotivas, pois ainda não desenvolveram seu domínio da razão” (COELHO; REZENDE, 2011). Em outra direção afirma-se a importância de compreender que emoção, razão, corpo agem juntos, e são influenciados pela cultura em que foram criados, pela sociedade em que se está inserido, e que a partir do ambiente vai tomando outras formas. Disto decorre aceitar que crianças possuem agência e isso também reflete na racionalidade de seus sentimentos e emoções. Com essa perspectiva é que leio os registros feitos nos dossiês institucionais.

Estudar as emoções e suas formas de expressão pode nos trazer compreensões muito além do que já imaginamos, ou preconcebemos, e essa visão já partia de alguns autores consagrados da antropologia e da sociologia. A relevância de trazer esses diferentes pontos de vista, faz parte da compreensão do desenvolvimento da antropologia das emoções até hoje.

Como referência da antropologia, Mauss e Radcliffe-Brown são autores clássicos que, através de seus estudos buscavam regras gerais que abrangessem as sociedades como um todo. Nestes autores as emoções ainda são tratadas com certa cautela, por não haver delimitações mais claras, a respeito de como compreendê-las a partir de questões levantadas pelas diferentes culturas estudadas. Mas sabe-se da importante contribuição que trazem, para os estudos antropológicos, e dos possíveis incentivos que suas obras representaram para que outras gerações de pesquisadores desenvolvessem possibilidades de pensar as emoções.

Em um de seus principais textos *A Expressão Obrigatória de Sentimentos* (1921), Mauss dialoga com o que já havia sido escrito sobre sentimentos, e

especificamente aborda o estudo de M. G. Dumas sobre as lágrimas, assim trazendo indagações de que as emoções poderiam não somente relacionar-se ao psicológico, mas poderiam ser muito mais que isso:

[...] as indicações que M. Dumas e eu temos dado para as lágrimas, valem também para outras numerosas expressões de sentimentos. Não só o choro, mas toda uma série de expressões orais de sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não espontâneas e da mais perfeita obrigação. (MAUSS, 1921, p. 147).

Pode-se interpretar a partir desse trecho, que Mauss considera a cultura como um fator importante na construção de sentimentos, já descartando a possibilidade única de emoções e sentimentos serem expressões inatas. Nessa perspectiva, é importante mencionar Margareth Mead antropóloga culturalista, que ao tentar buscar diferenças entre os sexos, acabou por fazer da cultura ponto chave para compreensão de diferenças.

No livro *Sexo e Temperamento* (1950) sobre sociedades na ilha de Nova Guiné, a autora observa como na sociedade Arapesh é feito um condicionamento das crianças para determinados comportamentos relacionados à emoção: “A finalidade de todo o treinamento das crianças menores não é ensiná-las a controlar a emoção, mas cuidar que sua manifestação não prejudique outra pessoa além delas próprias.” (1988, p. 71)

Ainda seguindo pelo conceito de cultura, diferentes abordagens utilizadas pela também antropóloga Ruth Benedict, para compreender sociedades chamadas “exóticas”, através de estudo, como *Configurações de Cultura* (BENEDICT, 1964) traz novas perspectivas e a importância das emoções para a interpretação das culturas que estuda. A antropóloga inicia uma outra etapa da área, que colabora com modificações importantes no pensamento sobre as emoções, elaborando a conceituação de “configuração de cultura”. Nessa perspectiva, ainda se entende as emoções como algo inato, mas aborda-se o desenvolvimento das emoções como dependente da cultura em que estão inseridas.

Esse pensamento mostra-se mais relativista, apresentando um tratamento mais localizado, contextualizando as emoções expressas pelos indivíduos, relacionando-as ao meio em que vive. Porém Ruth Benedict acaba abordando as emoções num viés essencialista. Segundo Coelho e Rezende (2011, p. 12), a autora

“[...] toma as emoções como elemento cultural-foco da ação da cultura.”. Alguns autores apontam que a partir dos estudos da antropóloga, falta algo a complementar ou contemplar e dessa forma as pesquisas sobre emoções dão seguimento.

A partir da obra de Geertz, a autora Michelle Rosaldo, desenvolve o termo “Pensamento Incorporado”, entendendo que emoções não emergem do impulso e que há um pensamento por trás delas, carregado de sentidos emocionais (COELHO, 2006). Visualizando uma espécie de círculo do emocional, iniciando pelos sentidos emocionais que impulsionam o pensamento que por vez, influencia no sentimento, onde “As emoções são pensamentos de algum modo “sentidos” em rubores, pulsações, movimentos do fígado, mente, coração, estômago, pele.” (ROSALDO, 1984 *apud* VÍCTORA; COELHO, 2019).

Para Rosaldo são pensamentos incorporados, pensamentos perpassados pela preocupação de que “eu estou envolvido” (COELHO, 2010). Essa perspectiva de análise, faz uma ligação necessária entre pensamento, corpo, sentimento e emoções e atribui essencialmente à cultura o desenvolvimento das emoções, e a partir daí causando essa “desconfiança” a respeito desta forma universalizada de pensar sobre as emoções (COELHO, 2006).

Pensamentos incorporados foi um dos temas pioneiros que norteou os estudos sobre emoções, porém outros virão tratando de maneira mais aprofundada, apesar de que não usarei nesta análise, penso que este conceito traz um ponto de vista interessante para se pensar nas emoções em registros institucionais, mas com o adicional de uma observação participante nos contextos. Michele Rosaldo lança a semente da desconfiança, quanto as emoções e seu modo universal de ser atribuída tanto nos estudos da área das ciências sociais, como também em outros âmbitos da vida social das pessoas.

[...] os sentimentos são práticas sociais, estruturadas pelas formas de compreensão e concepção do corpo, do afeto e da pessoa, estas por sua vez culturalmente definidas, o que a leva a postular uma desconfiança quanto a suposição da universalidade das emoções. (COELHO, 2010, p. 267).

Quem embarca na ideia, e inicia novos estudos é Catherine Lutz, outra autora que contribui muito para o desenvolvimento da antropologia das emoções, que será melhor esclarecida a seguir. Para elucidar melhor o pensamento de Catherine Lutz, sobre o desenrolar dos estudos das emoções, segue trecho da entrevista dada em

2007 para Clara Saraiva e Cristiana Bastos:

[...] a partir daí, é preciso questionar a maneira como o problema é enquadrado e os conceitos que usamos. Basicamente, isto fazia parte de um movimento geral que nessa altura (fim dos anos 70 ou princípio dos anos 80) punha em causa algumas premissas fundamentais sobre a forma como fazemos antropologia – as narrativas, as convenções, os conceitos básicos. (SARAIVA; BASTOS; LUTZ, 2007).

Relacionando a importância dos sentimentos e emoções para compreensão das questões que surgem a respeito da sociedade, mas em vista de que demandaria um cuidado diferente para tratá-los, Catherine Lutz e Geoffrey White, escrevem textos dando maior visibilidade ao campo da antropologia das emoções. Em *The Anthropology of Emotions*, buscam mostrar as diferentes abordagens a respeito do tema e através de suas pesquisas trazem categorias que conforme Coelho e Rezende (2011), reacendem questões de tensão entre universalismo e relativismo.

Novos estudos são feitos diante de outros levantamentos realizados pela mesma autora, mas dessa vez em parceria autoral com Lila Abu-Lughod. Na obra *Introduction: Emotion, discourse, and the politics of everyday life. Language and the politics of emotion* (Abu-Lughod, 1990), analisam as correntes teóricas no desenvolvimento da Antropologia das Emoções, que serão tratadas a seguir, dentre estas a contextualista onde o conceito de “micropolítica das emoções” é elaborado e sobre a qual tratarei de explicar mais detalhadamente, pois é a partir dela que analisarei meus dados.

Essencialismo, historicismo e relativismo, são as três primeiras correntes teóricas dos estudos da Antropologia das Emoções. A primeira com influência freudiana, relaciona-se com a psicologia e refere-se às emoções como algo inato ao ser humano, ou seja, caracterizado como universal e que deve ser moldado pela civilização. Em contrapartida as duas outras vertentes tendem a se contrapor ao essencialismo. Tratando as emoções como desenvolvidas culturalmente, e a partir de fenômenos históricos e sociais circunscritos. A diferença entre eles é que o historicismo leva em conta o processo temporal, e o relativismo seria baseado em comparações entre as próprias culturas contemporâneas, (REZENDE; COELHO, 2010) e as emoções se restringem, ao condicionamento da cultura em que a pessoa está inserida (COELHO; REZENDE, 2011).

A corrente historicista leva em consideração os processos culturais, porém os

compreende também de acordo com as transformações ao longo do tempo. Afunilando ainda mais as abordagens, e trazendo para as especificidades sociais em que as emoções estão presentes.

A próxima vertente denomina-se contextualista e deriva da concepção de discurso de Foucault onde:

[...] tenta-se identificar os relacionamentos que caracterizam uma prática discursiva [...] consistem em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdo ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos. (FOUCAULT, 2015, p. 58).

A partir dela desenvolve-se o conceito de micropolítica das emoções. Esta perspectiva compartilha com as correntes anteriores o entendimento das emoções, como construção cultural, histórica, social e temporal, mas afirma que a emoção existiria principalmente a partir do contexto, emergindo das relações e situações de interação. Ou seja, essa abordagem reorienta as emoções para o âmbito mais local, onde outras relações também as influenciam, principalmente as relações de poder. (COELHO; REZENDE, 2011).

[...] a qualificação de pessoas como mais emotivas revela-se elemento de relações de poder nas quais se justifica a subjugação da parte mais fraca em virtude de seu menor controle das emoções, demonstrando a dimensão micropolítica dos sentimentos (COELHO; REZENDE, 2010, p.26).

Coelho (2010, p.266) observa está “[...] dimensão micropolítica das emoções, ou seja, a capacidade que a emoção tem de atualizar, na vivência subjetiva dos indivíduos, aspectos de nível macro da organização”.

A antropologia das emoções parte, deste modo, do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e sociedade. A emoção como objeto analítico das Ciências Sociais, pode ser definida, então, como uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a outros e causado pela interação com outros em um contexto e situação social e cultural determinados. (KOURY, 2004 *apud* KOURY, 2005, p. 239).

Trazendo para o âmbito do acolhimento institucional, pode-se pensar que as crianças desenvolvem suas emoções nas relações em que estão inseridas. Nessa perspectiva o “micro” relaciona-se a abordagem da emoção como expressão singular do indivíduo naquele momento e lugar considerando a relação existente entre as

pessoas. Se ela se sente reprimida ou ameaçada ela pode agir com violência, ou com silêncio. A figura de quem está ali em frente a esta criança poderá influenciar em como ela vai reagir, pode ser com lágrimas, tristeza ou enfrentamento.

[...] contextualismo (inspirado numa leitura foucaultiana, considera que as emoções, a um só tempo, moldam e nomeiam o social, vindo por isso, atravessadas por relações de poder, hierarquias e concepções de moralidade que desenham fronteiras entre grupos). (CARNEIRO, 2013, p. 651).

As emoções constituem-se num fator crucial para inúmeros entendimentos, de como, porquê e o que está sendo feito, o que está acontecendo com aquela criança e adolescente na instituição. O próprio local é fator para se pensar, e digo o local do ato da expressão como predominante: a criança estar em uma sala fechada, com alguém que jamais viu e que tem certa autoridade sobre ela, irá afetá-la. Nesse sentido, a expressão de sentimentos serve como categoria analítica (KOURY, 2005) desse contexto de vida.

A micropolítica das emoções trata das relações de poder, de acordo com Rezende tratando as emoções, [...] como práticas discursivas permeadas por negociações de poder. (REZENDE, 2002, p.70). Sabe-se que as instituições são organizadas de maneira hierárquica e que as assimetrias são fundamentais nas expressões de sentimentos, tanto das crianças e adolescentes, quanto dos familiares ou responsáveis.

Conforme Rezende (2002), são relações bem específicas, que são regidas pelas relações de poder e elas envolvem inúmeros fatores a partir dos quais vão sendo construídos os discursos e suas experiências. Crianças, adolescentes e parentes que passam pelas instituições de acolhimento, advém de classe baixa ou de situação de extrema pobreza. Suas vidas estão inseridas em um contexto sociocultural particular e são a partir dessas vivências que reagirão de forma emocional. Por este fato se faz importante a análise prevendo também o contexto social, ela fará mais sentido ou trará maior compreensão sobre determinadas reações, e assim também se compreende que a parte de quem registra a emoção, sente a necessidade de mencioná-la, formando toda a narrativa do momento.

Através dessas breves explicações a respeito de algumas das abordagens conceituais da antropologia das emoções, busco provocar outras maneiras de pensar as emoções e sentimentos em acolhimento institucional, partindo das relações

cotidianas. Muitas destas relações presenciamos ou não, mas são relevantes e passíveis de debates, por se tratarem de ambiente, que remetem a infância e juventude, e as assistências de políticas públicas. Mauro Koury em seu artigo *Antropologia das Emoções no Brasil*, dialoga de maneira clara com o propósito de estudos dentro desta área:

A antropologia das emoções busca, deste modo, investigar os fatores sociais, culturais e psicológicos que encontram expressão em sentimentos e emoções particulares, compreendendo como esses sentimentos e emoções interatuam e se encontram relacionados com o desenvolvimento de repertórios culturais distintivos nas diferentes sociedades. A percepção da singularidade dos sujeitos e historicamente determinados, que embora pertencentes a um mesmo e global processo civilizador e com valores universais da sociabilidade ocidental, mantêm características, princípios e ethos particulares da cultura em que estão imersos, parece ser uma das tarefas que a Antropologia das Emoções está envolvida e se propõem como base analítica. (KOURY, 2005).

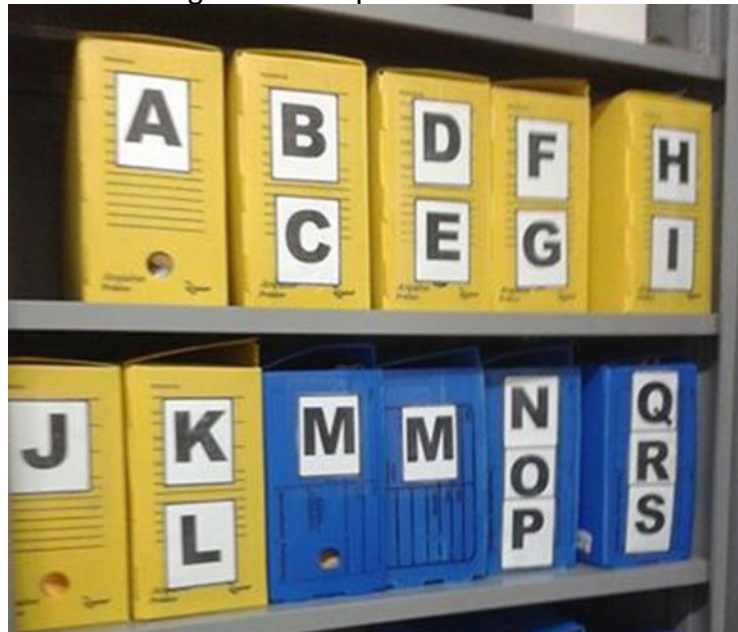
Acredita-se que uma das principais contribuições da Antropologia das Emoções é trazer novas possibilidades de interpretação, e construção das emoções como objeto de análise socioantropológica, (COELHO, 2010), assim incentivando discussões mais profundas e singulares, “[...] no esforço da desnaturalização das emoções enquanto sentimentos universais e naturais. ”, (CARNEIRO, 2013).

Pretende-se a partir das teorias da Antropologia das emoções, [...] discutir as emoções como problemas antropológicos, destacando a sua participação como produtora e transformadora de dinâmicas sociais (CERES VICTORA, 2019). Seguindo essa visão a respeito do uso da teoria, os capítulos a seguir irão tratar dos documentos extraído as emoções citadas neles e levantando algumas pistas de análise.

3 EMOÇÕES E SENTIMENTOS NOS REGISTROS, UM OBJETO DE PESQUISA E UM MÉTODO PARA ANALISÁ-LOS

No nosso imaginário social, relaciona-se arquivos com imensas pastas contendo documentos, organizados em ordem alfabética, armazenados em armários de metal, pois bem, no acolhimento institucional não é diferente (FIGURA 1). A sala da coordenação é pequena: tem-se dois espaços divididos por uma porta, são duas salas com mesas e armários, a primeira conectada ao resto da instituição, tem uma porta que seria a entrada da casa, dando para o lado de fora onde fica um pátio imenso. A outra sala tem uma janela para este mesmo pátio, dela enxerga-se o gramado, a rua, a estação de ônibus e a portaria onde fica o vigilante que por sinal é muito simpático e monitora a entrada e saída do local. O ambiente é tranquilo só fica mais agitado quando as crianças começam a chegar da escola, e são preparadas para o almoço. Elas vão chegando trazidos pela van da prefeitura, que faz o transporte delas para onde for necessário, não só para a escola, mas para cursos, atendimento médico, visitas a familiares, passeios ou algum tipo de recreação oferecida por instituições parceiras.

Figura 1 – Arquivo institucional



Fonte: arquivo pessoal da orientadora.

As crianças olham de fora através da janela, percebem que tem alguém diferente, já ficam curiosos, chegam cantando, conversando, uns aparecem na sala, falam com a assistente social, me olham e perguntam “quem tu é?” ou já me chamam de tia, vocabulário muito usado no acolhimento pelas crianças e também pela equipe. Quando se sentem mais à vontade, perguntam mais coisas, ou pedem algo, às vezes sentam e conversam. Nesse pequeno local chega a ficar em torno de sete pessoas, ou mais, mas não é desconfortável, acaba sendo um momento importante para o pesquisador, pois é a partir dessa participação que vai criando a compreensão sobre o fluxo da casa, tudo muito rápido e intenso. É nesse espaço que ficam os armários que guardam os dossiês, os arquivos ficam separados em dois: um dos acolhidos, ou seja, registros ativos que ficam na sala da equipe técnica e o outro que corresponde aos documentos de ex-presidentes e estão guardados na antessala ocupada pela coordenadora. É nesse arquivo que eu e minha professora nos debruçamos sobre os documentos fizemos anotações, leituras, fichamentos e algumas descobertas.

Diante das restrições devido a pandemia que impedia a observação participante voltamos o foco para os documentos, e refletimos como desenvolver uma pesquisa baseada totalmente em registros. A etnografia de documentos surgiu como uma escolha primordial, mesmo que ainda tratada com certa timidez, pois “ainda não é fácil encontrar trabalhos acadêmicos que discutam ou ofereçam um levantamento mais sistemático sobre os caminhos teóricos-metodológicos desenvolvidos e adotados na etnografia de documentos” (FERREIRA; LOWENKRON, 2020, p.5). Um método não engessado como a etnografia de documentos acaba por proporcionar mais liberdade para possíveis combinações de ferramentas de pesquisa, o que me parece ser algo importante, pelo fato de motivar a busca por diferentes conhecimentos por parte do pesquisador.

A partir da leitura dos artigos reunidos na coletânea *Etnografia de documentos pesquisas antropológicas entre papéis, carimbos e burocracias* organizado por Letícia Ferreira e Laura Lowenkron (2020), é possível compreender as possibilidades de contribuições que esse tipo de metodologia pode trazer para pesquisas acadêmicas. Os diferentes modos de refletir sobre o ato de registrar, seu entorno e sua importância como prática cultural:

Nossas recentes experiências de pesquisa contribuíram para perceber que a análise etnográfica de documentos em seu espaço social de fabricação, circulação e arquivamento oferece um olhar privilegiado sobre o ato de

documentar, isto é, sobre como ele é realizado, o que significa e que efeitos produz em diferentes contextos. (FERREIRA; LOWENKRON, 2020, p.18)

Os registros dos acolhidos somam 331 conforme contagem feita no início da pesquisa. Os documentos ficam guardados em envelopes pardos ou saquinhos plásticos contendo uma identificação com nome e data de nascimento. Para a leitura e anotações detalhadas selecionamos uma centena de envelopes separados aleatoriamente: a cada três envelopes, abrimos um. Uma centena de envelopes trouxe uma diversidade suficiente e eficiente para colher insumos necessários para o desenvolvimento da pesquisa.

Em cada envelope poderia conter os seguintes registros: solicitação de acolhimento do conselho tutelar, histórico de acompanhamento, certidão de nascimento, boletim de ocorrência, guia de acolhimento institucional da casa, registros da escola, receitas e prontuários médicos, situação jurídica, relatórios técnicos e de acompanhamento, e também plano de atendimento individual e familiar. Nem todos os dossiês dos acolhidos contém todos estes registros, uns possuem todas estas informações, outros às vezes somente a guia de entrada, por passarem apenas horas ou uma noite na casa. É importante mencionar que nestes registros constam também informações sobre os familiares ou aqueles que acompanhavam a criança e adolescente no momento do acolhimento.

O fato de todas estas informações, muitas vezes bem detalhadas estarem nos dossiês faz deles artefatos etnográficos rentáveis em contextos de pesquisas como este do acolhimento institucional. Cabe observar que os dossiês arquivados podem voltar ao arquivo de “ativos” quando um ex-residente retorna. Assim as informações contidas no dossiê são retomadas nos encaminhamentos. Nesse sentido as práticas de documentação inserem-se em dinâmicas entre os diferentes atores e produzem efeitos (FERREIRA; LOWENKRON, 2020) no percurso do acolhimento.

Ao iniciar a análise dos registros, notou-se uma recorrência na narrativa das anotações da equipe técnica a respeito das percepções sobre as expressões das emoções e sentimentos dos abrigados, sua família, ou responsáveis por eles. E com isso pergunto sobre o sentido do registro dos sentimentos e emoções. Com quais palavras as emoções são registradas e quais são as mais frequentes? Observa-se que frequentemente os registros parecem buscar aferir a estabilidade ou instabilidade

emocional das crianças e adolescentes. Essa preocupação observada nos registros, indica um modo de controle da instituição. Voltarei a este aspecto no próximo capítulo.

A frequência com que determinadas palavras apareciam, as notas que remetiam à preocupação ou despreocupação dos responsáveis foram sendo buscadas na leitura a partir da orientação dada por Koury (2005, p. 245):

[...] as redundâncias, ambivalências e ambiguidades do ato executado ou expreso, os silêncios, os discursos e narrativas fragmentados, os gestos e tiques que invariavelmente acompanham um diálogo ou informação e, às vezes, ampliam, modificam ou contextualizam além da própria frase os sentidos do que se quer expressar.

Cabe ressaltar que são indagações a partir da maneira de ver da equipe técnica que efetuou tais descrições e que, portanto, a resposta a elas indica aspectos importantes na gestão do cotidiano. Para além do acompanhamento de cada residente, esses documentos servem para orientar análises e decisões das instâncias judiciárias que definem o futuro desses abrigados. Ferreira e Lowenkron (2020) falam que os documentos e suas escritas em espaços institucionais tornam-se tecnologias e artefatos centrais de gestão.

Para que fosse possível enxergar todas essas nuances citadas até agora, e realizar as análises que virão, foi fundamental a sistematização de dados através do desenvolvimento de uma tabela Excel (ver Apêndices). Primeiramente efetuei um levantamento das emoções, agrupei as menções que eram iguais, measurei a quantidade de vezes que apareciam, e organizei por ordem decrescente a partir da frequência. Nomeei esta tabela como *bruto*(ver apêndice A) , por se tratar de um levantamento simples, já que existem diferentes formas de abordagem para tratar de documentos em pesquisas etnográficas, (FERREIRA; LOWENKRON, 2020), a partir da leitura dinâmica e de anotações, que serviram também para identificar se realmente havia citações suficientes para trabalhar.

Desta tabela criei uma segunda, onde efetuei um agrupamento das palavras com sentidos similares e quantifiquei novamente a frequência com que apareciam, (ver apêndice B). Na medida que refazia a leitura dos dossiês, repensava cada vez mais as anotações que havia feito, os contextos das emoções mencionadas, e por vezes ao refletir sobre algo que remetia a emoção, eu reconsiderava e excluía ou adicionava na tabela. Refazer a tabela me deu a impressão de que os dossiês estivessem a cada momento dizendo algo a mais, dessa forma o fato de usar a

etnografia documental se fazia basilar, principalmente se tratando destes dossiês, nos pontos trazidos por Ferreira e Lowenkron (2020):

Nos últimos anos, diversos antropólogos têm destacado a necessidade de ir além da dimensão informacional e instrumental dos documentos, analisando-os enquanto produtores de conhecimento, relações, efeitos e afetos (Stoler, 2002 e 2009; Cunha, 2004; Navaro-Yashin, 2007; Gupta, 2012; Ferreira, 2013) ou seja, ainda, como artefatos cujas propriedades materiais, estéticas e formais bem como a vida social (ou processos sociotécnicos) não podem mais ser facilmente ignorados (Latour; Woolgar, 1997; Riles, 2006; Reed, 2006; Hull, 2012b). (FERREIRA E LOWENKRON, 2020, p. 20)

Em razão disso foi necessário fazer uma sistematização mais detalhada (ver apêndice C), tornando possível enxergar de quem eram as emoções ali registradas e em relação a quem esse tipo de informação era registrada. A partir de mais de uma releitura dos dossiês, elaborei esta tabela, onde constavam as emoções encontradas nos registros, as iniciais do acolhido, a quem se referia a emoção mencionada, pois, muitas anotações partem das situações onde familiares ou outros estão presentes. Também foi necessária uma aba de observação onde trago informações relevantes para compreender o contexto da citação, e finalmente a faixa etária e o gênero do acolhido.

Identifiquei em torno de 258 registros de emoções nos dossiês, esse número é aproximado, pois no último detalhamento, ao fazer o agrupamento por palavras similares, não contabilizei as que eram exatamente iguais quando mencionadas para a mesma pessoa. Dos 100 dossiês analisados 41 não trazia nenhuma menção sobre emoções e 12 registros não faziam referência a emoções dos acolhidos, ou seja, localizei algumas emoções citadas, porém referentes a familiares ou responsáveis.

Foi necessário reler mais de uma vez o mesmo trecho; identifiquei termos que se referiam a comportamentos como exemplo: ausente, prestativo e agitação, que de certa forma ajudavam a compreender as situações das emoções registradas. As palavras *emotivas*, *sentimentos* ou *vínculo afetivo*, apareceram algumas vezes, que de certa forma deixa registrado a importância do estado emocional da criança.

Os sentimentos de tristeza descritos em determinadas situações, e outros que refletiam alegria e tranquilidade mostravam *altos* e *baixos* referentes as crianças e adolescentes. Diante disso resolvi fazer uma nova sistematização com as palavras classificando-as entre negativas e positivas, (ver apêndice D), foi uma tarefa difícil pois havia uma linha tênue entre o que era positivo ou negativo, como *carente*,

apegada, saudade e tímido. Refleti sobre, diante do que e de quem ela estaria de um lado ou de outro? E por quê? Fiquei muito confusa em qual classificação a emoção se encaixava, e por isso adicionei a uma nova classe: neutro.

Na tabela em que está o maior detalhamento (ver apêndice C), percebe-se que as expressões mais frequentes dos sentimentos retratados nos dossiês pela equipe técnica são: afetivo (a) e carinhoso (a), agressiva (o), violenta (o) e hostil. É instigante perceber que as principais emoções descritas são extremamente opostas. Na minha percepção antes de analisar os dossiês acreditava que encontraria em sua maioria sentimentos negativos. Porém, fui surpreendida por 41 referências a emoções consideradas positivas. Pode-se afirmar que existe um certo equilíbrio entre os registros que retratam emoções positivas e negativas já que estas somam respectivamente 43% e 57%.

Através da análise dos registros, identificou-se informações sobre dinâmicas, comportamentos e sistemas de controle, achados que podemos relacionar com o que as autoras Ferreira e Lowenkron (2020) observam: “documentos não só registram realidades pré-existentes, mas também são tecnologias centrais na produção e fabricação das realidades que governam, sejam elas corpos, territórios, relações.”

Complementando com Rezende (2002), em que traz um trecho das autoras Lutz e Abu (1990), onde fala sobre esse fator emocional como meio de medir e controlar: “O discurso emotivo seria, portanto, “uma forma de ação social que cria efeitos no mundo, efeitos estes que são interpretados de um modo culturalmente informado pelo público dessa fala emotiva”. Ou seja, são usados como modos de avaliação do controle sobre crianças e adolescentes, residentes das instituições de acolhimento.

No capítulo a seguir reconstituo em forma de história, os dossiês de três acolhidos, com intuito de colocar em evidência a micropolítica das emoções presente nessas trajetórias de acolhimento e inscrita nesses registros.

O procedimento de construção dessas histórias inicia-se partir da leitura e interpretação da tabela sobre as emoções. Através dela identifiquei alguns dossiês que se destacam por possuírem mais registros de emoções do que os demais. Para selecionar três percursos busquei por aqueles cujas emoções registradas diziam respeito aos acolhidos. Também priorizei os dossiês que trouxessem certa diversidade de vivências, não só de situações familiares, mas também da vivência dentro da casa de passagem.

Para contar estas histórias fiz uma cópia integral de todas as anotações dos dossiês em um documento digital no google docs, então, organizei de maneira cronológica as informações pois, uma característica da maioria desses dossiês é que são datados, mas guardados de forma desordenada. Esses registros como já mencionado no início deste capítulo tratam de anotações sobre documentos diversos, como acompanhamentos psicológicos, receitas médicas, laudos jurídicos, relatórios das visitas domiciliares, entrevistas, guias de acolhimento tanto da casa como também do conselho tutelar.

As possibilidades de informações levantadas a partir desta sistematização de dados e análises dos registros, demonstra o interesse do trabalho etnográfico com documentos, não só como um item a ser estudado para complementar estudos antropológicos, mas, como um objeto principal de estudo a ser considerado a partir do contexto pesquisado.

4 O QUE OS DOSSIÊS NOS CONTAM

O interesse de construir histórias a partir de registros é reconstituir de uma maneira clara, o que possivelmente estava ocorrendo naquele momento, a fim de contextualizar as emoções e sentimentos localizados nos registros. A ideia é procurar expor de que maneira e em que momento essas emoções afloram, ou despertam a atenção da equipe técnica. A seguir as emoções/estados emocionais referidos nos documentos estarão destacadas em itálico.

Por que contar essas histórias? Para dar rosto às emoções, mostrar como, onde, em que momento e o possível motivo pelo qual elas foram expressas e anotadas. Além disso, nesse exercício pretendo mostrar o interesse da etnografia de documentos como uma forma de olhar através dos documentos, produzindo narrativas etnográficas sobre cenas, eventos que não foram presenciados diretamente pelo pesquisador (FERREIRA; LOWENKRON, 2020). Através da leitura sistemática trata-se de associar os registros feitos pela equipe técnica, com o que se passava na vida dessas crianças e jovens, em todos os âmbitos, mostrando as possibilidades de convergência entre as emoções registradas e a micropolítica das emoções que atravessa o percurso de acolhimento.

4.1 “EU SÓ FAÇO ISSO, PORQUE BRIGAM COMIGO”

Alessandro nasceu em 1999 e ingressou na Casa de Passagem em 2014. Hoje estaria com 21 anos. Posso ter cruzado na rua com ele inúmeras vezes, você também, e a gente nem poderia imaginar, tudo o que ele já passou.

Alessandro desde seu nascimento passou por diferentes lares, esteve cerca de 10 anos em uma família adotiva que não foi formalizada como tal. Ao completar 10 anos foi devolvido ao pai biológico pela família adotiva. Em seguida circulava entre a casa da mãe que teria entregado o filho ao pai, pois não estava conseguindo ajudar no desenvolvimento dele, e na melhoria de seu comportamento. Do pai passou um tempo com a avó materna.

Sua família vem sendo acompanhada desde 2011, pelo serviço de acolhimento, um de seus irmãos já havia residido na casa de passagem, e houve momentos em que ambos passaram pela instituição no mesmo período.

Nos primeiros registros feitos sobre seu acolhimento no abrigo, é mencionado o nome do pai e da mãe, e descreve-se um pouco sobre a situação familiar. A mãe mora em outra cidade há dois anos com esposo que segundo o pai de Alessandro, é usuário de drogas. O pai é idoso, aposentado e trabalha com reciclagem. É analfabeto e já foi preso por tráfico de drogas. Alessandro possui irmãos, uns já casados que residem na mesma rua, outro que mora com um primo e o mais novo vive com a mãe.

Quando Alessandro tinha 12 anos, o pai recebeu um documento do CRAS, solicitando que o filho fosse acompanhado mais de perto, principalmente quanto a higiene, roupas limpas, que fosse acompanhado à escola, evitando que fuja, pois observa-se que Alessandro é ainda muito novo e precisa de orientação familiar, e tratamento adequado.

Em agosto de 2011 o Conselho Tutelar efetua uma visita domiciliar, após uma denúncia feita pela escola, sobre negligência e abandono. Nessa visita o pai de Alessandro mostra a sua moradia. O pai diz não entender por que estão à procura da mãe de Alessandro, pois, ela mora em outra cidade com companheiro e até teria mudado de número de celular só para não falar com o filho. No mês seguinte após a visita domiciliar, o conselho tutelar encaminha a família à assistência do município devido a higiene precária e falta de alimentos.

Com isso em outubro o CRAS envia para a unidade de saúde mental um registro sobre o adolescente, informando falta de higiene, limites, disciplina, que ele

se retira da sala de aula e não retorna, e que por meio das palavras e atos expressa *agressividade* com os colegas.

Conforme familiares, Alessandro desenvolve-se como uma criança *desobediente, distante, distraído*, que por muitas vezes age por si, e sendo movido por algo que o incomodava muito, tentou se matar colocando-se embaixo de um carro, em outro momento ameaçou a si e aos presentes com objetos cortantes.

O jovem foi encaminhado para a psicóloga, e segundo ela Alessandro custou a se *soltar*, a falar, pareceu *tímido ou pouco socializado*. Na primeira consulta falou que fazia certas coisas porque brigavam com ele, já na segunda consulta sentiu-se mais *retraído* e não quis conversar, no terceiro diálogo estava *eufórico*.

As vezes parece inserido nas situações do local, dependendo do momento e do ambiente prefere se esconder. A partir destas observações, é feita a solicitação psiquiátrica, a família é observada até meados de 2012, quando Alessandro ficou um período com a mãe.

Passados alguns anos, em 2014, Alessandro é acolhido novamente na casa de passagem por meio de solicitação do conselho tutelar. Os motivos registrados foram de abandono, situação de rua, negligência, maus tratos e baixa frequência escolar. Durante o período em que esteve na casa, inúmeros registros foram feitos a respeito de como ele estava se sentindo, as dificuldades de relacionamento, como está ocorrendo a adaptação na casa, seus comportamentos, e reações em determinados momentos. Em alguns apontamentos, é mencionado que ele demonstra *não ter desejo* de morar com nenhum dos pais, e teria falado sobre a possibilidade de morar com a avó materna ou com seu tio.

Nos raros momentos em que se sentiu confortável, relatou que sonha em ser bombeiro, que *deseja* seguir um caminho diferente. Porém existem momentos em que se põe em risco, cortando-se, fugindo da casa e caminhando em meio a estrada por entre os carros ameaçando a si próprio com uma garrafa, em seguida senta-se no acostamento e *chora* compulsivamente, infelizmente existiram mais situações em que tentou suicídio.

As técnicas da Casa de passagem relatam que Alessandro poderia estar sendo influenciado por outra jovem abrigada, e ao mesmo tempo é esta pessoa que ele mais agride, também que possui dificuldades escolares, e ainda não lê. Segundo os monitores e assistentes o ambiente da casa está conturbado.

Em algum momento Alessandro pede para visitar o pai, a diretora do acolhimento efetuou a solicitação para liberação da visita. Foi levado e acompanhado por um assistente, mas logo muda de ideia e não quer ficar na casa do pai. Um de seus irmãos foi até a casa, afirmando que teria vindo buscar o celular que Alessandro havia roubado na visita, após isso as reações do adolescente dentro da casa foram de *agressões*.

Na metade do ano de 2014 Alessandro, é internado em uma clínica por tentativa de suicídio, no final deste mesmo ano, ele teria ido morar com a mãe. Já em 2015 retorna a casa de passagem, onde as situações de *agressividade* aumentam.

Houve um momento em que estava portando uma faca, e ameaça os monitores, entregando a faca somente aos policiais. Conforme registros ele alterna em *descontrole e tranquilidade*, chegou a quebrar uma caixa de som e alguns ventiladores, acaba negando o que faz e não demonstra *arrependimento*. Foi necessário iniciar tratamentos com medicação para controlar suas reações, porém como já está familiarizado com o sistema da casa, nega-se a tomar o remédio e joga-o fora. A situação vai piorando com o tempo, e não sendo possível controlar o adolescente, a direção busca de outro local que possa acolhê-lo.

Em conversa com os familiares para poder resolver o futuro de Alessandro, o pai afirma que não tem intenção de abandonar o filho, mas que não sabe como lidar com ele, a avó materna que seria um dos *desejos* de moradia do adolescente, mas a mesma não tem condições de recebê-lo, os irmãos mais velhos informam que também não se responsabilizam, pois ele não *obedece* a ninguém.

Alessandro visita o pai, após dizer que sente *saudades*, quando se encontram, se abraçam e demonstram *afeto*, mas, ao mesmo tempo ele diz que *não quer* voltar a morar com o pai. A casa de passagem efetua um novo encaminhamento à saúde mental, e também busca uma transferência do adolescente a um local que possa acolhê-lo, oferecendo uma alternativa no momento para tratamento do adolescente. A respeito da escola ele recusa-se a frequentar, foi solicitado um currículo adaptado pois ainda não está alfabetizado.

Foram muitas idas e vindas do acolhimento, inúmeros documentos e ofícios ao juizado, a maioria dos registros gira em torno do comportamento *agressivo* tanto na família quanto na cada de passagem.

Alessandro evade o abrigo e procura o pai, acaba causando algumas confusões na vizinhança, em seguida busca o conselho tutelar e pede para ser

acolhido novamente, suspeita-se que tenha envolvimento com o tráfico. Ele acusa o pai de agressões, mas familiares e vizinhos negam o fato. Pratica furtos, circula pela cidade, pelas casas de vizinhos e parentes, mas quando necessita de algo busca pela casa do pai.

A partir da solicitação de saúde mental, o diagnóstico é que o adolescente sofre de transtorno mental, a equipe da casa de passagem não vê uma solução totalmente satisfatória para a situação dele, dada a complexidade em que ele vive, que envolve, a família com diversas dificuldades estruturais, os comportamentos destrutivos e imaturos de Alessandro.

Ainda na casa de passagem, faz ameaças ao vigilante, os dias passam e ocorrem mais ameaças, uma das abrigadas informa que ele está com uma faca e sente medo dele. Repassado ao judiciário estas e outras situações em que o adolescente perambulava durante a noite ameaçando as crianças mais novas, *brigando* e algumas suspeitas de atos obscenos, quando repreendido, retorna com palavras de baixo calão e dizendo que não sente medo.

Uma nova evasão do adolescente ocorre. Quando procurado, o pai relata que o filho vai em casa às vezes para comer e dormir, rouba algumas roupas e dinheiro. Após algum tempo afirma ao conselho tutelar que Alessandro não está mais com ele.

No meio do ano de 2015 Alessandro, acaba na FASE por roubo, o pai ao saber queixa-se que o filho não aceita limites e regras, que o encontrava pela rua, mas seguia fugindo. Quase no final deste ano o paradeiro do adolescente é desconhecido, de acordo com a família ele esteve em Porto Alegre, em seguida Alvorada e estava envolvido com ilegalidades.

Não saber qual foi o destino de Alessandro, ou se ficou bem é angustiante, todo o percurso deste adolescente até o momento que foi possível acompanhá-lo, demonstra diversos déficits do Estado na proteção de crianças e jovens, a tentativa de controlá-lo, de mantê-lo não foi eficiente, o acompanhamento a família foi fundamental, mas insuficiente. É notável nos registros a quantidade de situações negativas, agressões, referências a tristeza, as maneiras de registrar as emoções dele evidenciam as tentativas de controle de seu comportamento, mas que devido a inúmeros fatores não foi possível manter a estabilidade do jovem.

4.2 SONHA COM O NOVO QUARTO E BRINQUEDOS

Esse acolhimento trata de um grupo de irmãos em situação de vulnerabilidade extrema, e por diversos momentos os registros desta criança, são atravessados por acontecimentos que envolvem os irmãos. Mesmo assim o dossiê que trato aqui é sobre um garoto de 3 anos chamado Eduardo. Ele é o irmão do meio, entre o mais novo, uma criança de apenas 11 meses e o mais velho de 5 anos. Um fato importante de se ressaltar nesta família é de que a mãe das crianças, foi abrigada dos 9 anos de idade até completar a maior idade, passando boa parte de sua vida na instituição. O motivo do acolhimento conforme registros, teria sido por abandono da mãe.

Os registros iniciam em abril de 2010, lá consta o nome da mãe e do pai, e os motivos pelos quais estaria ali, como: condições insalubres, abandono de incapaz, negligência e omissão, e junto tem uma observação sobre a mãe, “mãe usuária de drogas e possui histórico de abrigamento e abandono”.

O conselho tutelar recebe uma denúncia, informando que a mãe é usuária de drogas, e muitas vezes as crianças estão juntas, e que todo o dinheiro que ganha em alimentos troca por crack. Afirma que as crianças estão sujas e peladas no frio, que *choram* e sentem dor na barriga de tanta fome.

A equipe ao fazer a visita domiciliar, depara-se com uma moradia, que devido ao seu estado de precariedade, é mencionada como sub-humana. A mãe ao ser questionada sobre o uso de drogas, nega e afirma que apenas usa para prostituir-se, e diz ser único meio de subsistência dela e dos filhos.

Após alguns meses na Casa de passagem, foram feitas tentativas de contato com a mãe, porém sem sucesso. Assim decidiu-se fazer buscas por familiares que estivessem dispostos a ajudar as crianças, infelizmente não foi localizado nenhum, o pai das crianças não se sabe o paradeiro até então.

Em 2011, a avó materna entra em contato com o abrigo e demonstra interesse em obter a guarda do menino de 5 anos, pois conforme ela, já convivia com a criança. No mês seguinte, a avó paterna que não sabia da existência das crianças afirma querer ficar com os netos, a pedido do pai, que estava preso e muito *triste* por saber que as crianças estavam abrigadas, e pediu que ela ficasse com eles.

Em um dos registros, consta a informação sobre Eduardo estar menos *agressivo* após ver o irmão. Ao conseguirem contato com a mãe foi feita uma

entrevista, ela estava grávida de 5 meses, e pretendia mudar-se para um sítio, afirmava que não iria sem seus filhos e ameaçou levar os filhos do abrigo.

No final de 2011, a situação das crianças parece não melhorar, pois estariam novamente sem familiar disposto e em condições de recebê-las, e a mãe sem paradeiro fixo. Sabendo do funcionamento de determinados comportamentos familiares, e das dificuldades para a adoção de crianças consideradas “velhas” para adotar, e sendo grupo de irmãos, em abril de 2012, a equipe da casa e a parte do judiciário que acompanhava a situação dos irmãos decidiram que os irmãos fossem inscritos no cadastro de adoção.

Os registros vão ficando mais focados na criança, e as menções sobre como Eduardo estaria se sentindo vão sendo anotadas; *quieto, triste, isola-se e magoa-se*. Diante de uma cena que presenciou, onde a diretora e a secretária teriam discutido, ele esconde-se no telhado ao lado da caixa de água. Após isso Inicia-se cenas de *agressividade e raiva*, a cada momento de desentendimento com os outros.

A boa notícia é que estaria realizando passeios na casa de um padrinho afetivo, modelo de vínculo construído através de projetos que possibilita que pessoas da comunidade se aproximem de crianças e jovens em situação de acolhimento, a fim de estar disponível para compartilhar algumas atividades, ouvi-las, tornar-se uma referência fora do abrigo (MPRS, 2019.)

Realizadas buscas ativas por famílias que pudessem adotar o grupo de irmãos, feito a indicação das famílias, conversado com Eduardo, sobre a possibilidade de viver em uma outra família, ele *aceita* muito bem, mas, existe a preocupação de que esteja junto de um de seus irmãos, com quem possui *forte vínculo afetivo*. Eduardo começa a questionar sempre se já teriam arrumado uma mãe para ele; encontra-se *ansioso* por conhecer os novos pais, até teria solicitado dinheiro para tirar foto na escola para o dia dos pais.

Os últimos registros são de um menino muito mais *ativo*, que se expressa com palavras, o que ocorria de maneira escassa antes, comenta-se que ele sonha com o novo quarto de brinquedos. No decorrer dos registros identifica-se que as alterações de comportamento e humor da criança, e o quanto o ambiente e emocional afetam a maneira de expressar seja afeto, ou tristeza, os pontos de altos e baixos trazidos nas anotações, neste caso traz a percepção de que houve uma melhora ao olhar da equipe técnica, e que foi possível um desfecho até o momento satisfatório ao acolhido.

4.3“MELHOR COISA QUE EU QUERO É FICAR COM ELA NO DOMINGO”

Essa história é a mais longa se comparada com as anteriores, pois são quase 10 anos de acompanhamento, entre acolhimento, adoção, retornos a casa da família. Por isso o dossiê destes irmãos gêmeos Marcelo e Leonardo, acaba sendo bem maior e detalhado, são registros que se misturam entre guias de atendimento médico, receitas, acompanhamento psicológico e assistencial, como também cartas da Casa de passagem para fins jurídicos.

Conforme registros estas crianças são acompanhadas pelo conselho tutelar desde 2003, com a informação de que a mãe teria rejeitado os filhos depois do parto. A família é composta por cinco filhos, além dos gêmeos. Sendo a primeira entrada na casa de passagem em 2004, quando as crianças tinham apenas 4 anos de idade, a mãe foi até o posto de saúde consultar com Leonardo, devido a uma fratura ocasionada pela sua *inquietação*, a funcionária do posto que os atendeu fez uma denúncia contra a mãe. Na ficha de acolhimento consta como motivo: maus tratos.

A situação de denúncia se repete e as crianças retornam à casa de passagem em 2005. Algumas anotações relatam que a mãe não consegue se organizar para que possa receber as crianças em casa. Então foi solicitado que a equipe técnica da casa de passagem efetuasse um acompanhamento da situação familiar a pedido da assistente social e da médica, para que juntos possam entender melhor o funcionamento desta família.

As crianças passam um tempo com a mãe, e esta chama os conselheiros para entregar os filhos alegando que o marido os *rejeita*. A partir disso o juiz, junto do histórico e recomendações, decide pela destituição do poder familiar. Porém, ao receberem a informação, os pais, não concordam, afirmam não terem agredido os filhos.

A liminar de suspensão do poder familiar segue mantida, notas sobre a mãe maltratar os gêmeos, e que isso estaria sendo percebido através dos comportamentos de ambas as crianças. Ao ser orientada sobre tratamento, a mãe demonstra não estar *disposta* a isso, aparentando estar *violenta e instável*.

Depois de um período as crianças entram para o cadastro de adoção nacional e internacional, em 2006 é feita uma tentativa de aproximação com casal habilitado. No ano seguinte, em 2007 os meninos estão abrigados em uma outra instituição. Pois o casal que detinha a guarda com visitas para adoção desistiu da ação, o motivo teria

sido: dificuldade no manejo com as crianças, pois seriam *hostis*. Diante disso, é executado pela casa de passagem uma visita domiciliar, pois consta que os pais manifestaram *desejo* que os filhos retornem para casa.

Registros informam que as crianças falam *não querer* outros pais, que vão *incomodar* os novos pais, porque *querem* retornar para a casa da mãe. Leonardo diz que “*incomodava*, e que a mãe brigou comigo e com o Marcelo, só que nós queremos ficar com ela”. Demonstram saber da existência do juiz e pede para que a técnica converse com ele sobre a situação deles, que “*incomodam* as vezes sim, as vezes não”. Falam sobre morar com um casal em outra cidade, “quando chegamos lá estava tudo bem, mas aí nós começamos a *incomodar*”. Os irmãos expressam de forma *queixosa* que ao retornarem ao abrigo não viram mais as mesmas pessoas que trabalhavam no local; “não estavam mais as pessoas que nós gostamos”.

Nisso pedem que se escreva uma carta para a mãe, e demonstram expectativa de passear nos finais de semana, conforme registros é mencionado que não se desvincularam da mãe fato este que os leva a serem *agressivos*. Dizem: “nós queremos passar o final de semana”, e menciona o nome dos irmãos, Marcelo fala; “*melhor coisa que eu quero é ficar com ela no domingo, todo mundo passa final de semana, sábado e eu com o Leonardo em casa*”. Pede para colocar o nome dele e do irmão na carta e fecha a folha de ofício referindo que é para a examinadora colocar para a mãe no correio.

A casa de passagem identifica a necessidade de reversão da destituição. Em 2008 foi contraindicado adoção em qualquer grau pela psicóloga, devido ao vínculo *afetivo* que não foi desligado até o momento, sendo que foram feitas duas tentativas de adoção sem sucesso e os motivos de desistência eram: *desobediência*, testagem maciça, e atitudes *provocativas*.

É visto que a partir dos irmãos não existe a possibilidade de serem adotados por outra família. Quando *brigam e agridem* as outras crianças, alegam ser por não poderem ver seus pais. Quando retornam da escola, referem que querem voltar para casa. Na escola causam problemas na classe, e os professores pedem com urgência uma atitude para com as crianças. Ao serem repreendidos a resposta dos irmãos é que “ninguém manda neles”. As crianças seguem acolhidas na Casa de Passagem sem perspectiva de adoção e tão pouco de retorno à família, levando-os a atitudes de *agressão e revolta* com todos da casa.

Feito um novo levantamento sobre a atual situação familiar: os pais reafirmam a intenção de ter os filhos consigo novamente, pois estão mais bem estruturados, moram em um sítio onde o pai está trabalhando, e a mãe está sendo medicada e fazendo tratamento psicológico. Os registros sobre as entrevistas e visitas domiciliares demonstram notas sobre emoções da mãe, como; *afeto* e *carinho*, do pai que *deseja* ter os filhos em casa novamente, e também que “*gosta* muito dos guris e *sente falta* deles. O pai não vê os filhos desde quando foram abrigadas, a mãe não os vê há aproximadamente dois anos.

Após mais algumas visitas, os registros começam a mudar de sentido, menções como *afeto*, *carinho*, e de que haveria condições da família para receber as crianças novamente ao convívio familiar.

Ocorreu um novo encaminhamento sobre os irmãos para uma consulta no posto de saúde, devido à enorme *agitação*, sendo receitado remédios para acalmá-los. Houve mais algumas consultas médicas e psicológicas, tendo sido acrescentado outro remédio. Em seguida tem-se registros sobre Leonardo estar mais *calmo*, com exceção de sua relação com o irmão Marcelo que seguia com a *agressividade*.

Passados alguns anos, existem registros de 2010, com descrições preocupadas sobre os comportamentos das crianças; como: *revolta* por não estarem com os pais como *gostariam*. Foi sugerida readaptação gradativa de Leonardo e Marcelo, ao convívio familiar. Algumas notas mostram detalhes sobre um dos irmãos: pula corda, brinca bastante, fala das assistentes que brincam com ele, comenta da escola, dos colegas e de quem mais *gosta* de brincar, sobre os lugares que já morou e onde gostaria de morar, responde imediatamente que *gostaria* de “voltar para a minha família”.

Nos registros finais tem-se notas de conclusão da equipe, que apesar dos diversos fatores de riscos apresentados não teria como impedir o retorno das crianças ao convívio familiar, que seria necessário um acompanhamento sistemático através do município de Viamão, incluindo atendimento clínico e psiquiátrico para a mãe, e para as crianças atendimento psicológico, além de um acompanhamento social efetivo. Diante disso é decidido a partir dos laudos apresentados, que o retorno a casa dos pais atende melhor aos interesses dos adolescentes e assim o ministério público efetua o requerimento do desabrigamento de Marcelo e Leonardo o mais breve possível.

A trajetória contada, destes irmãos e dessa família, é uma história que nos ajuda a refletir sobre, o que cada instituição demanda da outra, pensando de maneira hierárquica, pois sabendo que as relações de poder e principalmente os mecanismos de controle são o que realmente determina as situações, sejam elas vindas como determinações do juiz, ou como vimos as expressões de emoções dos acolhidos.

Percebemos também como esta engrenagem de poderes funcionam, e de certa forma, nesta última história o quanto ela pode ter sido prejudicada por determinadas decisões, ou o quanto poderia ter sido evitado, caso os papéis que são desempenhados por cada digamos representante desta instituição (ou dessa engrenagem) tivessem tomado outras posições que muitas vezes se esperam, quem sabe teria sido resolvido de maneira mais rápida? Quem sabe teria evitado inúmeros transtornos para os meninos e a família.

Obviamente esse não é o propósito deste estudo, e não teria como desenvolver uma análise do suposto ato e causa, destas histórias, a ideia era que através destes documentos e anotações, foi possível desenvolver histórias que mostrassem o quanto as emoções e sentimentos podem ser valiosas para análises do micro, ou seja das relações de poder existentes em ambientes como o acolhimento institucional. A seguir desenvolvo melhor os achados a partir dos dossiês analisados, e das histórias desenvolvidas.

5 CONCLUSÃO

[...] a antropologia das emoções permite assim pensarmos também na configuração e dinâmica de “complexos” emocionais, tais como os pares amor-ciúme ou humilhação-raiva, abrindo mais um leque de objetos de reflexão. Os sentimentos, tantas vezes definidos como o oposto da racionalidade, podem ser muito, muito bons para pensar” (REZENDE; COELHO, 2010. P. 128 e 129).

A análise dos registros feitos pela equipe técnica da instituição de acolhimento revelou que um dos motivos para as inúmeras menções sobre emoções relacionam-se com mecanismos de controle. Ou seja, os registros são usados para auxílio no acompanhamento do estado emocional no sentido de acompanhar a estabilidade dos acolhidos, como um dado que importa nas decisões sobre os rumos a serem tomados referente ao futuro da criança ou adolescente. Como Rezende e Coelho trazem “o monopólio da força física pelo Estado, bem como a estabilidade de suas instituições centrais, favoreceu também a contenção emocional como trato psicológico significativo.” (REZENDE; COELHO, 2010. p, 105).

O controle como uma face das relações de poder, também é um modo de demonstrar eficiência da instituição perante o estado. Com a micropolítica das emoções pode-se localizar os pontos onde é possível interpretar a relação da expressão da emoção com a situação, e identificar as relações de poder existentes e como elas agem no cotidiano. Os seguintes trechos demonstram esses achados:

[...] ele alterna em descontrole e tranquilidade, chegou a quebrar uma caixa de som e alguns ventiladores, acaba negando o que faz e não demonstra arrependimento. Foi necessário iniciar tratamentos com medicação para controlar suas reações. [...] A situação vai piorando com o tempo, e não sendo possível controlar o adolescente, a direção busca outro local que possa acolhê-lo.

Em outubro de 2008, os gêmeos Leonardo e Marcelo, foram encaminhados para uma consulta no posto de saúde, devido à enorme agitação, sendo receitado remédios para acalmá-los.

Outro ponto identificado para se interpretar através da micropolítica das emoções, são as reações perante situações e autoridades. É observado que nas anotações, junto dos registros sobre emoções têm-se informações sobre o momento que está ocorrendo e quem está neste local, o que torna possível compreender o motivo de tais reações, como por exemplo:

Eduardo está quieto, triste, isola-se e magoa-se. Diante de uma cena que presenciou, onde a diretora e a secretária teriam discutido, ele esconde-se no telhado ao lado da caixa de água. Inicia-se cenas de agressividade e raiva, a cada momento de desentendimento com os outros.

Observou-se que *incomodar/ser hostil/desobedecer* são comportamentos que provocam rejeição nos adultos e foi um recurso explicitamente usado pelos gêmeos para que a adoção não ocorresse, o que nos ajuda a entender que o registro desta ação nos documentos reforçou a decisão de que retornem para os pais. Assim podemos ver nitidamente a conexão com a micropolítica das emoções, onde se tem emoções expressas diante de determinadas pessoas com uma intenção já definida, mostrando que a emoção não surgiu repentinamente. Rezende e Coelho, tratam dessa convergência entre intenção e emoção/sentimento, indicando que é através da intencionalidade que os sentimentos são expressos, o que indica uma autenticidade sobre estas emoções e sentimentos. “A intenção é entendida como autêntica, como reveladora dos verdadeiros sentimentos que uma pessoa tem, ilustrando assim a ênfase intimista que Sennet identifica nas sociedades ocidentais modernas. ” (REZENDE; COELHO, 2010, p, 104).

Assim refletindo a partir da micropolítica das emoções observa-se que o ambiente em que estas crianças adolescentes estão e as relações de poder que regem o local contextualizam as expressões dos sentimentos em dinâmicas relacionais nas quais a estabilidade emocional é um indicador importante para a intervenção. Os gêmeos parecem ter compreendido que se seguissem incomodando poderiam retornar para a casa dos pais. Se permanecessem tranquilos e estáveis a adoção seria concretizada. E de fato, o resultado foi a recusa dos pais adotivos de seguir com a adoção e a decisão do retorno dos meninos à família biológica quase seis anos depois do acolhimento.

Uma questão a pensar é sobre os registros trazerem inúmeras anotações sobre os familiares e responsáveis destas crianças e adolescentes. Assim percebe-se que os mecanismos de controle não ficam somente no âmbito do acolhimento extrapolam para fora da casa de passagem, por alguns motivos centrais: a) proporcionar um ambiente seguro para o acolhido poder retornar; b) tentar colocar “nos eixos” uma família considerada fora do parâmetro esperado.

Focos diferentes e estratégias de controle também foram observados destacando-se as informações sobre comportamentos que se confundem com as

emoções e os registros que indicam maior ou menor estabilidade emocional da criança/adolescente que será dito calmo ou agitado; tranquilo ou agressivo/violento. Também constam nos registros datas. Essa prática permite o acompanhamento da estabilidade e as fases de comportamentos predominantes.

Na segunda trajetória, o fato de o menino estar quieto, triste e isolar-se é relatado e legitima as decisões tomadas como a busca de apadrinhamento afetivo e a de uma família substitutiva, mostrando outro uso dos registros sobre emoções como algo que importa na gestão das situações. Logo, tem-se mais uma demonstração de que a emoção tem potencial e deve ser valorizada como foco de um estudo, e não como algo periférico

Outro aspecto a ser destacado é o equilíbrio encontrado entre as emoções registradas, que sugerem ser positivas ou negativas, causando uma certa surpresa. Isso porque segundo Barcellos e Fonseca (2009), estudos das ciências sociais realizados em instituições que tratam de crianças “abandonadas” ou infratoras, tendem a enfatizar um enfoque crítico, ou de denúncia ao sistema institucional. Os registros institucionais deixam entrever um cotidiano no qual coexistem situações carregadas de emoções associadas a conflitos e outras em que se destacam a tranquilidade e a boa convivência. Isto sugere que a atenção às emoções registradas nos documentos joga luz sobre tramas relacionais complexas e permite produzir análises que não reduzam estes contextos institucionais a velhos estereótipos que pesam sobre eles.

Para finalizar gostaria de trazer um elemento de extrema relevância encontrado durante a análise dos dossiês, durante a estruturação das tabelas algo que chamou muito a minha atenção. Nos registros de emoções dos acolhidos do sexo masculino é muito maior se comparado aos registros de emoções nos registros femininos, são 29% contra 71%. Sendo que o número de crianças e adolescentes acolhidos é equilibrado tratando-se de gênero. No mesmo momento surgiu esta questão: Por que essa diferença? Os estereótipos associados a agressividade dos meninos e a passividade das meninas contribuiria para isso?

Devido a tamanha importância sobre o assunto, e também inesperada a questão será abordada com maior profundidade em futuras pesquisas que pretendo desenvolver no mestrado. Se faz necessário uma dedicação a este assunto específico para a interpretação desse achado, para isso serão necessários outros procedimentos como a realização de entrevistas e a observação participante, para desenvolver uma

análise que converse com as teorias de gênero que acredito serem adequadas para tratar deste assunto.

Preciso dizer que a realização deste trabalho, apesar dos percalços causados por ter sido desenvolvida durante uma pandemia, foi possível através de uma metodologia ainda pouco utilizada e com escassas produções disponibilizadas como a Etnografia de documentos, partindo de uma fonte de estudos sobre uma teoria que ainda em expansão, como a Antropologia das Emoções, foi possível realizar um trabalho com resultados pertinentes. Aprendi muito durante esta trajetória e espero ter contribuído para que futuras pesquisas, em diferentes âmbitos sejam desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine A. Introduction: Emotion, discourse, and the politics of everyday life. **Language and the politics of emotion**, [s. l.], v. 1, p. 1-23, 1990.
- BENEDICT, Ruth. Configurações de cultura. Donald Pierson (org.). **Estudos de Organização Social**. São Paulo: Editora Martins, 1964. v. 2.
- BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Planalto, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 26 set. 2020.
- BRASIL. Ministério da Cidadania. **Serviços de Acolhimento para Crianças, Adolescentes e Jovens**. Brasília, DF: Ministério da Cidadania, 2015. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/assistencia-social/unidades-de-atendimento/unidades-de-acolhimento/servicos-de-acolhimento-para-criancas-adolescentes-e-jovens>. Acesso em: 08 jul. 2020.
- CARNEIRO, Rosamaria. **Antropologia das emoções**: retomando concepções e consolidando campos. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- COELHO, Maria Claudia Pereira; REZENDE, Cláudia Barcellos. **Antropologia das emoções**. [s. l.], : Editora FGV, 2010.
- COELHO, Maria Claudia. Emoção, gênero e violência: experiências e relatos de vitimização. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, [s. l.], v. 5, n. 13, p. 36-53, 2006.
- COELHO, Maria Claudia. Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções. **Mana**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 265-285, 2010.
- COELHO, María Claudia; REZENDE, Claudia Barcellos. Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções. Rio de Janeiro: [s. n.], 2011.
- COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento – SNA Crianças Acolhidas**. Brasília, DF: CNJ, 2020. Disponível em: <https://paineisanalytics.cnj.jus.br/single/?appid=ccd72056-8999-4434-b913-f74b5b5b31a2&sheet=e78bd80b-d486-4c4e-ad8a-736269930c6b&lang=pt-BR&opt=currsel&select=clearall>. Acesso em: 08 jul. 2020.
- DIGIÁCOMO, Murillo José; DIGIÁCOMO, Ildeara de Amorim. **Estatuto da criança e do adolescente anotado e interpretado**. 8. ed. Curitiba: Ministério Público do Estado do Paraná, 2020.
- FONSECA, Claudia; SCHUCH, Patrice. **Políticas de proteção à infância**: um olhar antropológico. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

FRAGA, Erica. Manter crianças em abrigos, como faz Brasil, prejudica desenvolvimento. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 fev.2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/manter-criancas-em-abrigos-como-faz-brasil-prejudica-desenvolvimento.shtml>. Acesso: 27 set. 2020.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A antropologia das emoções no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, [s. l.], v. 4, n. 12, p. 239-252, 2005.

LOWENKRON, Laura; FERREIRA, Leticia. Etnografia de documentos: Pesquisas antropológicas entre papéis, carimbos e burocracias. Rio de Janeiro: Editora Faperj, 2020.

MARTINS-SUAREZ, Fernanda Chiozzini; SOUSA, Júnia Marise Matos. HOMEM RAZÃO E MULHER EMOÇÃO: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO DICOTÔMICA ENTRE HOMENS E MULHERES NA VISÃO DOS ASSENTADOS (AS). *Revista Ambivalências*, v. 4, n. 7, p. 288-308, 2016.

PROGRAMA de Acolhimento Familiar: as famílias acolhedoras. **Revista em Discussão**, Brasília, DF: Senado Federal, 2020. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/adocao/realidade-brasileira-sobre-adocao/programa-de-acolhimento-familiar-as-familias-acolhedoras.aspx>. Acesso em: 08 jul. 2020.

REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. **Mana**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 69-89, 2002.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIFIOTIS, Fernanda Cruz. Egressas” de serviços de acolhimento e a invenção de novas possibilidades de vida. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 34, n. 99, 2019.

ROSALDO, Michele Zimbalist. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, [s. l.], v. 18, n. 54, p. 31-49, dez. 2019. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse>. Acesso em: 04 dez.2020.

SARAIVA, Clara; BASTOS, Cristiana; LUTZ, Catherine. Emoções e guerras: da Micronésia às bases militares americanas: entrevista com Catherine Lutz. Por Clara Saraiva e Cristiana Bastos. **Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 473-485, 2007.

VÍCTORA, Ceres; COELHO, Maria Claudia. A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão. **Horizontes Antropológicos**, [s. l.], n. 54, p. 7-

21, 2019.

APÊNDICE A – LEVANTAMENTO PRIMÁRIO (BRUTO)

EMOÇÕES/SENTIMENTOS	FREQUÊNCIA
ABALADA	1
ABALADO	1
ACALMARAM	1
ACALMOU	1
AFETIVIDADE	1
AFETIVO	10
AFETO	13
AFETUOSO	1
AFINIDADE	1
AFLIÇÃO	1
AGITAÇÃO	1
AGITADA	3
AGITADO	3
AGRADAVEL	1
AGRESSÃO	1
AGRESSIVAS	4
AGRESSIVAS	1
AGRESSIVIDADE	8
AGRESSIVO	11
AGRESSIVOS	2
ALEGRES	1
ALTERADA	1
AMA	3
AMEAÇADORA	1
AMO	1
AMOR	3
AMOU	1
ANIMADO	1
ANSIOSO	1
APAIXONOU-SE	1
APEGADA	1
APEGO	1
ARREPENDEU	1
ARREPENDIDA	1
ARREPENDIDOS	1
ARREPENDIMENTO	1
ARROGANTE	1
ATIVO	1
BEM	10
BOM	2
BRAVA	4
CABISBAIXO	1

CALMA	2
CALMO	1
CANSADA	1
CARENCIA	1
CARENTE	2
CARINHO	9
CARINHOSA	4
CARINHOSO	3
CHORA	1
CHORAM	4
CHORANDO	4
CHORAVAM	1
CHORO	3
CHOROU	1
COMOVER	1
COMPULSIVO	1
CONFUSA	1
CONFUSÃO	1
CONTURBADA	1
DEDICADA	1
DEPRIMIDOS	4
DESCONTROLADA	1
DESCOTROLE	1
DESEJA	2
DESEJO	10
DESENTENDENDO	1
DESOBEDIENCIA	3
DESOBEDIENTE	1
DESPREZO	2
DESTRUTIVO	1
DETERMINADO	1
DETESTA	1
DISPOSTOS	1
DISTANTE	1
DISTRAIDO	1
EMOCIONADA	3
EMOCIONADOS	3
EMOCIONAIS	3
EMOCIONAL	4
EMOCIONANTE	1
EMOCIONOU	1
EQUILIBRADA	1
ESGOTAMENTO	1
ESGOTAMENTO	1
ESTAVEL	1
ESTRESADA	1
EUFORICO	1
FALTA QUE SENTEM	1
FELIZ	3
FELIZES	3
FRAGILIZADA	1

GOSTA	4
GOSTAMOS	1
GOSTAR	1
GOSTARIA	10
GOSTARIAM	3
GOSTOU	1
GROSSEIRAS	1
GROSSEIRO	3
HOSTIL	1
HOSTIS	1
IMATURIDADE	1
INDIGNADOS	1
INSATISFAÇÃO	1
INSTAVEL	1
ISOLA-SE	1
MAGOADO	1
MAGOA-SE	1
MAU	3
MEDO	7
MENOS AGRESSIVO	1
NÃO GOSTA	1
ODEIA	1
ODIO	1
OFENDIDA	3
PAVOR	1
PENA	3
PERDE A CALMA	1
PERDEU O CONTROLE	1
POUCO SOCIALIZADO	1
PREOCUPAÇÃO	6
PREOCUPADA	5
PREOCUPADO	1
PREPOTENTE	1
PRESTATIVO	1
QUEIXOSA	1
QUIETA	1
QUIETO	3
RAIVA	1
REBELDE	3
REJEIÇÃO	3
REJEITOU	1
RESSENTIMENTO	1
REVOLTA	1
REVOLTADA	3
SATISFEITA	1
SATISFEITO	1
SAUDADE	7
SAUDADES	3
SENTE FALTA	3
SENTEM MELHOR	1
SENTIMENTOS	7

SENTIR FALTA	1
SOFRE	3
SOFREM	3
SOFRER	3
SOFRIAM	2
SOFRIMENTO	1
SUAVISANDO	1
TENSA	1
TIMIDO	1
TRANQUILA	7
TRANQUILIDADE	1
TRANQUILO	4
TRANSTORNADO	1
TREMULA	1
TRISTE	9
TRISTEZA	1
VAGLORIA-SE	1
VAIDOSO	1
VIOLENTA	1
VIOLENTO	3
VONTADE	1

**APÊNDICE B – AGRUPAMENTO DAS EMOÇÕES (SIMILARIDADE E
FREQUÊNCIA)**

EMOÇÕES/SENTIMENTOS	FREQUÊNCIA
AFETIVO / CARINHOSO	41
AGITADO / EUFÓRICO	8
AGRADAVEL	1
AGRESSIVA / VIOLENTA / HOSTIL	33
AMEAÇADORA	1
AMOU	8
ANSIOSO / AFLITO	2
APAIXONOU-SE	1
APEGADA / CARENTE	5
ARREPENDIDA	4
ARROGANTE	1
BEM / SENTEM MELHOR	13
CANSADA / ESGOTAMENTO / ESTRESSADA / TENSA	5
CHORAR	14
COMOVIDO	1
COMPULSIVO	1
CONFUSO / DESENTENDENDO	3
DEDICADA	1
DEPRIMIDOS	4
DESCONTROLADO /PERDEU O CONTROLE / PERDE A CALMA	4
DESEJA/DESEJO	12
DESOBEDIENCIA/DESOBEDIENTE	4
DESPREZO	2
DESTRUTIVO	1
DETERMINADO / DISPOSTOS	2
DISTANTE	2
EMOCIONADA / FRAGILIZADA	16
EQUILIBRADA	1
FELIZ / ALEGRE / ANIMADO	8
GOSTA/ GOSTAMOS/ GOSTAR/ GOSTARI/GOSTARIAM/GOSTOU	20
GROSSEIRA	4
IMATURIDADE	1
INSATISFAÇÃO	1
INSTAVEL	1
ISOLA-SE / TIMIDO / POUCO SOCIALIZADO	3
MAU	3
MEDO / TREMULA	8
ODEIA / NÃO GOSTA / DETESTA / PAVOR / RAIVA / BRAVA / INDIGNADO	10
OFENDIDA	3
PENA	3
PREOCUPAÇÃO	12

PREPOTENTE	1
PRESTATIVO	1
QUIETA	4
REJEIÇÃO	4
REVOLTADA / REBELDE / ALTERADA / CONTURBADA / TRANSTORNADO	10
SATISFEITA	2
SAUDADE	14
TRANQUILA/ ESTAVEL / CALMA / SUAVE	19
TRISTE / SOFRE / ABALADA / CABISBAIXO / MAGOADO / RESSENTIMENTO / QUEIXOSA	28
VAGLORIA-SE / VAIDOSO	2

APÊNDICE C – LEVANTAMENTO DETALHADO

PALAVRAS	DOSSIÊ	DE QUEM É A EMOÇÃO'	OBS	FAIXA ETÁRIA	GÊNERO
ABALADO	ACDS	ACOLHIDO	COM A REAÇÃO DOS PAIS ADOTIVOS	ADOLESCENTE	MASC
APELOS EMOCIONAIS	ACDS	ACOLHIDO	EM RELAÇÃO AOS PAIS ADOTIVOS		
ODEIA	ACDS	MÃE ADOTIVA			
EMOCIONADA	ACDS	MÃE ADOTIVA	RETORNO NA CASA DE PASSAGEM		
ARREPENDIDA	ACDS	MÃE ADOTIVA	RETORNO NA CASA DE PASSAGEM		
SAUDADE	ACDS	MÃE ADOTIVA	RETORNO NA CASA DE PASSAGEM		
ODIO	ACDS	PAIS ADOTIVOS			
COMOVEU	ACDS	PAIS ADOTIVOS	EM RELAÇÃO A SITUAÇÃO DA FAMILIA BIOLOGICA		
ESGOTAMENTO	ACDS	PAIS ADOTIVOS			
EMOCIONADOS	ACDS	PAIS ADOTIVOS			
AGRESSIVIDADE	AESS	ACOLHIDO	NA CASA DE PASSAGEM	CRIANÇA	
AGITADA	AF	MÃE	NA CASA DE PASSAGEM		MASC
DEDICADA E CARINHOSA	AGA	MÃE	CONFORME ESCOLA		FEM
CHORANDO	AGR	MÃE	NA CASA DE PASSAGEM		FEM
VIOLENTO	AJS	ACOLHIDO	CONFORME A MÃE	ADOLESCENTE	MASC
GOSTARIA	ALPR	ACOLHIDO	DE FICAR COM A MÃE OU COM A TIA	CRIANÇA	MASC
SENTEM FALTA	ALPR	FAMILIA	DA CRIANÇA		
SATISFEITA	ALPR	TIA			
GOSTA	ALPR	TIA	EM RELAÇÃO AO TRATAMENTO DA FAMILIA COM A CRIANÇA		

PENA	ALPR	TIA			
SAUDADE	AMDSF	ACOLHIDO	EM CARTA PARA IRMÃOS	CRIANÇA	FEM
REJEITOU	AMR	ACOLHIDO	A MÃE NA CASA DE PASSAGEM	CRIANÇA	MASC
CHORANDO	AMR	ACOLHIDO	QUANDO VE A MÃE		
RESSENTIMENTO	AMR	ACOLHIDO			
BEM	AMR	ACOLHIDO E MÃE	INTERAÇÃO		
TRISTE	AMR	MÃE	COM A REAÇÃO DA CRIANÇA		
CHOROU	API	ACOLHIDO	QUERIA ESTAR COM O PAI	CRIANÇA	MASC
CALMA E AGRADÁVEL	APCA	ESPOSA DO PAI	ESTA EM SUA CASA RECEBENDO O CT		FEM
SATISFEITO	APCA	PAI	DE TER A FIHA POR PERTO		
MAGOADO	APCA	PAI	COM A TIA PELO TRATAMENTO DADO A FILHA		
AGRESSIVO	ARS	ACOLHIDO	COM OUTRA CRIANÇA NA CASA DE PASSAGEM	CRIANÇA	MASC
BEM	ARS	ACOLHIDO	1 DIA NA CASA DE PASSAGEM		
CHORO	ARS	ACOLHIDO	DIA SEGUINTE		
ACALMADO	ARS	ACOLHIDO	PELAS MONITORAS		
VIOLENTO	ARS	ACOLHIDO	COM OUTRA CRIANÇA NA CASA DE PASSAGEM		
SE ARREPENDEU	ASA	ACOLHIDO	DE BRIGAR COM A MÃE	ADOLESCENTE	MASC
VAIDOSO	ASA	ACOLHIDO			
AGRESSIVO	ASA	ACOLHIDO	NA ESCOLA, E NA CASA DE PASSAGEM (COM DEMAIS ACOLHIDOS E MONITOR)		
MEDO	ASHDS	ACOLHIDA (OUTRA DA CASA)	EM RELAÇÃO A ATITUDE DE ASHDS		MASC
AGRESSIVIDADE	ASHDS	ACOLHIDO	NA MANEIRA DE FALAR	ADOLESCENTE	
DISTANTE	ASHDS	ACOLHIDO		ADOLESCENTE	
DISTRAÍDO	ASHDS	ACOLHIDO			
TÍMIDO	ASHDS	ACOLHIDO			
EUFÓRICO	ASHDS	ACOLHIDO			

CHOROU	ASHDS	ACOLHIDO			
DESCONTROLE	ASHDS	ACOLHIDO	NA CASA DE PASSAGEM		
TRANQUILIDADE	ASHDS	ACOLHIDO	NA CASA DE PASSAGEM		
SAUDADE	ASHDS	ACOLHIDO	DO PAI		
AGRESSIVO	ASHDS	ACOLHIDO	COMPORTAMENTO EM CASA E NO ABRIGO		
DESTRUTIVOS	ASHDS	ACOLHIDO			
IMATURIDADE	ASHDS	ACOLHIDO			
AFETO	ASHDS	ACOLHIDO E PAI	AO SE ENCONTRAREM		
TRANQUILO	DDSC	ACOLHIDO	APÓS APROXIMAÇÃO COM O PAI	CRIANÇA	MASC
MENOS AGRESSIVO	DDSC	ACOLHIDO			
ATITUDES DE ENFRENTAMENTO	DDSC	ACOLHIDO			
VIOLENTO	DDSC	PAI	QUERENDO VER OS FILHOS NA CDP		
DESACONTROLADA	DDSP	MÃE			MASC
EMOCIONADA	DDSP	MÃE			
ESTÁVEL	DDSP	MÃE			
IMATURA	DF	ACOLHIDO	A PARTIR DO QUE A SOGRA INFORMOU		FEM
SAUDADES	DF	ACOLHIDO	DA SOBRINHA		
PREOCUPADA	DF	SOGRA	COM O FILHO QUE A ACOLHIDA DEIXOU		
PENA	DF	SOGRA			
ANIMADO	DGO	ACOLHIDO	COM A VISITA DO PAI	CRIANÇA	MASC
TRISTE	DGO	ACOLHIDO	QUANDO IRMÃO FOI DESABRIGADO		
TRANQUILO	DGO	ACOLHIDO			
AFETIVO	DGO	ACOLHIDO			
DETERMINADA	DGO	PAI			
AFETUOSA	DGO	PAI			
SENTEM FALTA	DHDOV	ACOLHIDO	NA CASA DE PASSAGEM	CRIANÇA	MASC

CHORAM	DHDOV	ACOLHIDO	NA CASA DE PASSAGEM		
FELIZES 2X	DHDOV	ACOLHIDO	COM A VISITA DO PAI		
AGITADO	DHDOV	PAI	COM A SITUAÇÃO DA CRIANÇA ABRIGADA		
PREOCUPAÇÃO	DHDOV	PAI	COM O FUTURO DAS CRIANÇAS		
REVOLTADOS	DLSDS	ACOLHIDO	NA CASA DE PASSAGEM	ADOLESCENTE	MASC
DEPRIMIDOS	DLSDS	ACOLHIDO	NA CASA DE PASSAGEM		
AGRESSIVOS	DLSDS	ACOLHIDO	NA CASA DE PASSAGEM		
CHORO	DLSDS	ACOLHIDO	NA CASA DE PASSAGEM		
PERDEU O CONTROLE	DLSDS	MÃE ADOTIVA			
AGRESSIVO 2X	DMDM	ACOLHIDO		ADOLESCENTE	MASC
EMOCIONADA	DMY	IRMÃ	EM RELAÇÃO A SITUAÇÃO		MASC
DESEJO	DMY	PAI	CUIDAR DO FILHO		
CALMO	DRDS	ACOLHIDO	NA CASA DE PASSAGEM	ADOLESCENTE	MASC
AGRESSIVO	DRDS	ACOLHIDO	OS VIZINHOS INFORMARAM		
PRESTATIVO	DRDS	ACOLHIDO			
BEM	DRMDS	ACOLHIDO		ADOLESCENTE	MASC
SOFREU	DRMDS	ACOLHIDO	TRATAMENTO DO PAI E TIO		
GOSTARIA 2X	DRMDS	ACOLHIDO	DE SER AJUDADO		
CABISBAIXO	DRMDS	ACOLHIDO	APÓS A IDA NA CASA DA FAMILIA		
TRANSTORNADO	DRMDS	ACOLHIDO	APÓS A IDA NA CASA DA FAMILIA		
TRISTE	DRMDS	ACOLHIDO	APÓS A IDA NA CASA DA FAMILIA		
CHORANDO	DRMDS	ACOLHIDO	APÓS A IDA NA CASA DA FAMILIA		
TRISTE	DRMDS	ACOLHIDO	APÓS A IDA NA CASA DA FAMILIA		
HOSTIL	DRMDS	FAMILIA	RECEBIDO EM CASA DA FAMILIA		

DESPREZO	DRMDS	FAMILIA	RECEBIDO EM CASA DA FAMILIA		
INSATISFAÇÃO	DRMDS	TIO	RECEBIDO EM CASA DA FAMILIA		
GROSSEIRO	DRMDS	TIO	RECEBIDO EM CASA DA FAMILIA		
FELIZ	EGDSL	ACOLHIDO	AO VER O PAI	ADOLESCENTE	MASC
AGRESSIVO	EGDSL	PAI			
CHORAM	EWDS	ACOLHIDO	ANTES DO ABRIGO	CRIANÇA	MASC
MENOS AGRESSIVO	EWDS	ACOLHIDO	DEPOIS DE VER O IRMÃO		
QUIETO	EWDS	ACOLHIDO			
TRISTE	EWDS	ACOLHIDO			
ISOLA-SE	EWDS	ACOLHIDO			
MAGOA-SE	EWDS	ACOLHIDO			
AGRESSIVIDADE	EWDS	ACOLHIDO	COM OS DEMAIS ABRIGADOS		
RAIVA	EWDS	ACOLHIDO	COM OS DEMAIS ABRIGADOS		
AFETIVO	EWDS	ACOLHIDO	COM O IRMÃO		
ANSIOSO	EWDS	ACOLHIDO	PARA CONHECER SEUS NOVOS PAIS		
ATIVO	EWDS	ACOLHIDO			
GOSTARIA	EWDS	AVÓ	PODER ACOLHER TODOS		
TRISTE	EWDS	PAI	AO SABER DO ACOLHIMENTO		
AGRESSIVIDADE	FADL	ACOLHIDO	NA CASA DE PASSAGEM	ADOLESCENTE	FEM
AGRESSIVIDADE	FRSR	ACOLHIDO		ADOLESCENTE	FEM
ABALADO	FVCN	AVÔ PATERNO	COM A SITUAÇÃO DA CRIANÇA ABRIGADA		FEM
PREOCUPAÇÃO	FVCN	AVÔ PATERNO	COM A SITUAÇÃO DA CRIANÇA ABRIGADA		
CARINHO	FVCN	FAMILIA	COM RETORNO DA CRIANÇA		
SAUDADE	GFDSL	ACOLHIDO	FUGIU DA ESCOLA E FOI PARA A CASA DA MÃE	CRIANÇA	MASC
CARENTE	GFDSL	ACOLHIDO			
APEGO	GFDSL	ACOLHIDO	AOS BRINQUEDOS		

CARÊNCIA	GFDSL	ACOLHIDO			
DESEJA	GFDSL	MÃE	APROXIMAÇÃO		
REBELDE	GFM	ACOLHIDO		ADOLESCENTE	FEM
AGRESSIVAS	HAMV	ACOLHIDO		ADOLESCENTE	MASC
DISPOSTA	HAMV	MÃE	A ABRIR MÃO DO ADOLESCENTE		
SOFREM 2X	HAMV	MÃE E PADRASTO			
PREOCUPAÇÃO	HAMV	MÃE E PADRASTO			
MEDO	HAMV	MÃE E PADRASTO			
SENTEM MELHOR	HAMV	MÃE E PADRASTO			
ARREPENDIDOS	HAMV	MÃE E PADRASTO			
EMOCIONADOS	HAMV	MÃE E PADRASTO			
APEGADA	ICFDS	IRMÃ			FEM
MEDO 2X	ICFDS	IRMÃ	QUE A CRIANÇA SEJA ADOTADA		
PAIXÃO	ICFDS	MADRINHA			
VIOLENTO	ICFDS	PADRASTO			
AFETIVO	ICFDS	PAI			
CARINHO	ICFDS	PAIS ADOTIVOS	A MÃE BIOLÓGICA AFIRMA	CRIANÇA	
AMOR	ICFDS	PAIS ADOTIVOS	A MÃE BIOLÓGICA AFIRMA		
ACALMOU	JAVDS	ACOLHIDO		ADOLESCENTE	MASC
CARINHOSO	JAVDS	ACOLHIDO	NA CASA DE PASSAGEM		
CARENTE	JAVDS	ACOLHIDO			
TRANQUILA	JAVDS	MÃE			
SOFRIAM	JC	ACOLHIDO	TORTURAS DO PADRASTO	ADOLESCENTE	MASC
MEDO	JC	MÃE			
AGRESSIVO	JC	PADRASTO			
REBELDE	JDO	ACOLHIDO	AO SER ACOLHIDO	ADOLESCENTE	FEM

REVOLTADA	JDO	ACOLHIDO	COM A NOTICIA DE QUE O PADRASTO NÃO É SEU PAI		
GOSTARIA	JDO	ACOLHIDO	MORAR COM SUA AVÓ		
PAVOR	JDO	ACOLHIDO	DO PADRASTO		
BEM	JDO	ACOLHIDO E FAMILIA	APÓS RETORNO		
AFLIÇÃO	JDO	IRMÃ	COM A SITUAÇÃO DA FAMILIA		
REVOLTA	JDO	IRMÃ	COM A SITUAÇÃO DA FAMILIA		
NÃO DESEJA	JDO	MÃE	A FILHA		
ARROGANTE	JDO	PADRASTO			
AGRESSIVO	JDO	PADRASTO			
PREPOTENTE	JDO	PADRASTO			
INDIGNADOS	JDO	PAIS			
SUAVIZANDO	JFB	ACOLHIDO	NA CASA DE PASSAGEM		MASC
SAUDADES 2X	JFB	MÃE	DO ACOLHIDO	ADOLESCENTE	
CARINHOSA	JFB	MÃE			
TRÊMULA	JFDM	ACOLHIDO	ENCONTRADA NA CASA DO PAI	ADOLESCENTE	FEM
PERDE A CALMA	JFDM	MÃE	COM A ACOLHIDA		
DETESTA	JFDM	MÃE			
DESEJO	JGMC	ADOÇÃO SRA JACIRA	ASSUMIR A GUARDA		MASC
AFETO 2X	JGMC	ADOÇÃO SRA JACIRA			
PREOCUPAÇÃO 2X	JGMC	ADOÇÃO SRA JACIRA			
EMOCIONOU	JGMC	ADOÇÃO SRA JACIRA			
FELIZ	JGMC	ACOLHIDO	APÓS A ADOÇÃO	CRIANÇA	
TRANQUILO	JGMC	ACOLHIDO	APÓS A ADOÇÃO		
CARINHOSO	JGMC	ACOLHIDO	APÓS A ADOÇÃO		
AFETIVO	JGMC	ACOLHIDO	APÓS A ADOÇÃO		

CARINHO	JGMC	CASAL DE ADOÇÃO			
AMOR	JGMC	CASAL DE ADOÇÃO			
CARINHOSA	JGMC	MÃE			
GOSTARIA	KADN	ACOLHIDO	DE FICAR NA CDP		FEM
ESTRESSADA	KADN	MÃE			
AFETO	KRT	FAMILIA			FEM
REVOLTADOS	KRT	FAMILIA			
CHORAVAM	LDNL	ACOLHIDO	AO SEREM AFASTADOS DA MÃE	CRIANÇA	MASC
ACALMARAM	LDNL	ACOLHIDO			
FELIZES	LDNL	ACOLHIDO	DEPOIS DE RETORNAREM PARA CASA		
ALTERADA	LDNL	MÃE	AO IR NA CDP		
AMEAÇADORA	LDNL	MÃE	AO IR NA CDP		
EU GOSTO	LKB	ACOLHIDO	EM RELAÇÃO A CASA DE PASSAGEM	CRIANÇA	MASC
OFENDIDA 2X	LVDSF	MÃE			MASC
DESEJO	LVDSF	MÃE	DE TER SEUS FILHOS		
VINCULOS AFETIVOS 2X	MCHM	ACOLHIDO		CRIANÇA	FEM
HOSTIS	MDF/LDF	ACOLHIDO	COM PAIS ADOTIVOS	CRIANÇA	MASC
DESOBEDIÊNCIA	MDF/LDF	ACOLHIDO	COM PAIS ADOTIVOS		
ATITUDES PROVOCATIVAS	MDF/LDF	ACOLHIDO	COM PAIS ADOTIVOS		
GOSTAMOS	MDF/LDF	ACOLHIDO	DOS ASSISTENTES DA CASA		
AGRESSIVO	MDF/LDF	ACOLHIDO			
AGRESSIVIDADE	MDF/LDF	ACOLHIDO			
CALMO	MDF/LDF	ACOLHIDO			
REVOLTA 2X	MDF/LDF	ACOLHIDO			

AFINIDADE	MDF/LDF	ACOLHIDO			
AFETIVIDADE	MDF/LDF	ACOLHIDO			
ALEGRE	MDF/LDF	ACOLHIDO	SOBRE TER NOTICIAS DOS IRMÃOS		
GOSTARIA	MDF/LDF	ACOLHIDO			
EMOCIONAL/ EMOCIONALMENTE	MDF/LDF	ACOLHIDO	AO OLHAR DAS ASSISTENTES		
QUEIXOSA	MDF/LDF	ACOLHIDO	AO OLHAR DAS ASSISTENTES		
SENTIMENTOS - DIVERSAS VEZES	MDF/LDF	DOS ADOTANTES	AO OLHAR DAS ASSISTENTES		
DESEJOS	MDF/LDF	DOS ADOTANTES			
VIOLENTA	MDF/LDF	MÃE			
INSTÁVEL	MDF/LDF	MÃE			
AFETO 2X	MDF/LDF	MÃE	DE ACORDO COM ASSITENTE		
CARINHO 2X	MDF/LDF	MÃE			
PREOCUPAÇÃO	MDF/LDF	MÃE			
EU AMO	MDF/LDF	MÃE			
BRABA	MDF/LDF	MÃE	AS CRIANÇAS FALAM REFERENTE A MÃE		
LEGAL	MDF/LDF	MÃE	AS CRIANÇAS FALAM REFERENTE A MÃE		
GOSTA MUITO	MDF/LDF	PAI	NAS PALAVRAS DA MAE SOBRE O SENTIMENTO DO PAI		
DESEJO	MDF/LDF	PAIS	DE TEREM A CRIANÇA EM CASA		
SENTEM FALTA	MDF/LDF	PAIS	DOS ACOLHIDOS		
CRISES DE DEPRESSÃO	NHT	ACOLHIDO		ADOLESCENTE	FEM
FELIZ	NHT	ACOLHIDO			
REVOLTADA	NHT	IRMAO	COM SITUAÇÃO DE SUA CASA		
CHORA	NL	ACOLHIDO			FEM
AMEAÇA SE MATAR	NL	ACOLHIDO		ADOLESCENTE	

NÃO GOSTARIA	NL	ACOLHIDO	A MORAR COM A TIA		
ESTAR BEM	NL	ACOLHIDO	AO VISITAR A CDP		
GROSSEIRAS	NL	ACOLHIDO	CONFORME IRMA COM A GUARDA		
ESGOTADA	NL	IRMÃ			
AMA	NL	MÃE	EM RELAÇÃO AS CRIANÇAS		
CHORA	PHSC	ACOLHIDO	DEPOIS QUE A MAE SAI DA VISITA		MASC
TRANQUILA	PHSC	AVO			
TRANQUILA	PHSC	MÃE	A AVÓ FALANDO DA MAE DO ACOLHIDO	CRIANÇA	
REBELDE	PMJ	ACOLHIDO	NA CASA DE PASSAGEM	ADOLESCENTE	FEM
DESEJO	PMJ	ACOLHIDO	MORAR COM A IRMA		
CARINHO	PMJ	FAMILIA	TRATAMENTO COM A ACOLHIDA		
BOM VÍNCULO	PTFFDS	ACOLHIDO		ADOLESCENTE	FEM
AFETO	RGDC	ACOLHIDO	SOBRE SENTIMENTOS DO ACOLHIDO		MASC
BONZINHO	RGDC	PAI	O QUE O ACOLHIDO PENSA SOBRE O QUE ACHAM DE SEU PAI	ADOLESCENTE	
RÍGIDO	RGDC	PAI	CONFORME A MÃE		
AMA	RGDC	PAI	FALA SOBRE O FILHO		
TRANQUILA	RLDSR	ACOLHIDO		CRIANÇA	FEM
INTERAGE BEM	RLDSR	ACOLHIDO			
TRISTE	RLDSR	ACOLHIDO	QUANDO O PAI NÃO PODE VIR		
FRAGILIZADA	RLDSR	ACOLHIDO	AO VER A MÃE EMOCIONADA		
CONFUSA 2X	RLDSR	MÃE			
ABALADA	RLDSR	MÃE			
AGRESSIVIDADE	RWDSL	PAI			MASC
VANGLORIA-SE	RWDSL	PAI			

QUIETA	SVDS	ACOLHIDO	AO OLHAR DA AVÓ	CRIANÇA	FEM
TRISTE	SVDS	ACOLHIDO	AO OLHAR DA AVÓ		
AGRESSIVA	SVDS	ACOLHIDO	AO OLHAR DA AVÓ		
SOFRE	SVDS	ACOLHIDO	AO OLHAR DA AVÓ		
PERDEU O CONTROLE	SVDS	MÃE			
GROSSEIRO	SVDS	PADRASTO			
GOSTOU	SW	MÃE			FEM
SENTIR FALTA	SW	MÃE			
AGITADA	VFDS	ACOLHIDA		CRIANÇA	FEM
TRISTEZA NO OLHAR	VFDS	ACOLHIDA			
AMA	VFDS	AVÓ			
SAUDADE	VFDS	MÃE			
AFETO 2X	VFDS	MÃE			

APÊNDICE D – CLASSIFICAÇÃO NEGATIVO/ POSITIVO/ NEUTRO

PALAVRAS	CLASSIFICAÇÃO
ABALADA (o)	NEGATIVO
AFLIÇÃO	NEGATIVO
AGITADA	NEGATIVO
AGRESSIVA	NEGATIVO
AGRESSIVAS	NEGATIVO
AGRESSIVIDADE	NEGATIVO
AGRESSIVO	NEGATIVO
AGRESSIVOS	NEGATIVO
ALTERADA	NEGATIVO
AMEAÇA SE MATAR	NEGATIVO
AMEAÇADORA	NEGATIVO
ANSIOSO	NEGATIVO
ARROGANTE	NEGATIVO
ATITUDES DE ENFRENTAMENTO	NEGATIVO
ATITUDES PROVOCATIVAS	NEGATIVO
BRABA	NEGATIVO
CABISBAIXO	NEGATIVO
CARÊNCIA	NEGATIVO
CHORA	NEGATIVO
CHORAM	NEGATIVO
CHORANDO	NEGATIVO
CHORAVAM	NEGATIVO
CHORO	NEGATIVO
CHOROU	NEGATIVO
CONFUSA 2X	NEGATIVO
CRISES DE DEPRESSÃO	NEGATIVO
DEPRIMIDOS	NEGATIVO
DESACONTROLADA	NEGATIVO
DESCONTROLE	NEGATIVO
DESOBEDIÊNCIA	NEGATIVO
DESPREZO	NEGATIVO
DESTRUTIVOS	NEGATIVO
DETESTA	NEGATIVO
DISTANTE	NEGATIVO
DISTRAÍDO	NEGATIVO
ESGOTADA	NEGATIVO
ESGOTAMENTO	NEGATIVO
ESTRESSADA	NEGATIVO
FRAGILIZADA	NEGATIVO
GROSSEIRAS	NEGATIVO
GROSSEIRO	NEGATIVO
HOSTIL	NEGATIVO
IMATURA	NEGATIVO
IMATURIDADE	NEGATIVO

INDIGNADOS	NEGATIVO
INSATISFAÇÃO	NEGATIVO
INSTÁVEL	NEGATIVO
ISOLA-SE	NEGATIVO
MAGOADO	NEGATIVO
MAGOA-SE	NEGATIVO
MEDO	NEGATIVO
NÃO DESEJA	NEGATIVO
NÃO GOSTARIA	NEGATIVO
ODEIA	NEGATIVO
ODIO	NEGATIVO
OFENDIDA 2X	NEGATIVO
PAVOR	NEGATIVO
PERDE A CALMA	NEGATIVO
PERDEU O CONTROLE	NEGATIVO
PREPOTENTE	NEGATIVO
RAIVA	NEGATIVO
REBELDE	NEGATIVO
REJEITOU	NEGATIVO
RESSENTIMENTO	NEGATIVO
REVOLTA	NEGATIVO
REVOLTADA	NEGATIVO
REVOLTADOS	NEGATIVO
REVOLTADOS	NEGATIVO
RÍGIDO	NEGATIVO
SOFRE	NEGATIVO
SOFREM 2X	NEGATIVO
SOFREU	NEGATIVO
SOFRIAM	NEGATIVO
TRANSTORNADO	NEGATIVO
TRÊMULA	NEGATIVO
TRISTE	NEGATIVO
TRISTEZA NO OLHAR	NEGATIVO
VANGLORIA-SE	NEGATIVO
VIOLENTA	NEGATIVO
VIOLENTO	NEGATIVO
APEGADA	NEUTRO
APEGO	NEUTRO
CARENTE	NEUTRO
COMOVEU	NEUTRO
PENA	NEUTRO
SAUDADE	NEUTRO
SAUDADES	NEUTRO
SENTEM FALTA	NEUTRO
SENTEM MELHOR	NEUTRO
SENTIR FALTA	NEUTRO
TÍMIDO	NEUTRO
ACALMADO	POSITIVO
ACALMARAM	POSITIVO
ACALMOU	POSITIVO
AFETIVIDADE	POSITIVO

AFETIVO	POSITIVO
AFETO	POSITIVO
AFETUOSA	POSITIVO
AFINIDADE	POSITIVO
ALEGRE	POSITIVO
AMA	POSITIVO
AMOR	POSITIVO
ANIMADO	POSITIVO
ARREPENDIDA	POSITIVO
ARREPENDIDOS	POSITIVO
ATIVO	POSITIVO
BEM	POSITIVO
BOM VÍNCULO	POSITIVO
BONZINHO	POSITIVO
CALMA E AGRADÁVEL	POSITIVO
CALMO	POSITIVO
CARINHO	POSITIVO
CARINHOSA	POSITIVO
CARINHOSO	POSITIVO
DEDICADA E CARINHOSA	POSITIVO
DESEJA (o)	POSITIVO
DESEJOS	POSITIVO
DETERMINADA	POSITIVO
DISPOSTA	POSITIVO
EMOCIONADA	POSITIVO
EMOCIONADOS	POSITIVO
EMOCIONAL/ EMOCIONALMENTE	POSITIVO
EMOCIONOU	POSITIVO
ESTAR BEM	POSITIVO
ESTÁVEL	POSITIVO
EU AMO	POSITIVO
EU GOSTO	POSITIVO
EUFÓRICO	POSITIVO
FELIZ	POSITIVO
FELIZES	POSITIVO
GOSTA	POSITIVO
GOSTA MUITO	POSITIVO
GOSTAMOS	POSITIVO
GOSTARIA	POSITIVO
GOSTOU	POSITIVO
INTERAGE BEM	POSITIVO
LEGAL	POSITIVO
MENOS AGRESSIVO	POSITIVO

PAIXÃO	POSITIVO
PREOCUPAÇÃO	POSITIVO
PREOCUPAÇÃO	POSITIVO
PREOCUPADA	POSITIVO
PRESTATIVO	POSITIVO
QUEIXOSA	NEGATIVO
QUIETO (A)	POSITIVO
SATISFEITA (o)	POSITIVO
SATISFEITO	POSITIVO
SE ARREPENDEU	POSITIVO
SENTIMENTOS - DIVERSAS VEZES	POSITIVO
SUAVIZANDO	POSITIVO
TRANQUILIDADE	POSITIVO
TRANQUILO	POSITIVO
VAIDOSO	POSITIVO
VINCULOS AFETIVOS 2X	POSITIVO



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br